



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Educação / Campus II / Alagoinhas
Licenciatura Plena em História

MARIDELZA ALVES OLIVEIRA ESTRELA

**TRABALHO FEMININO E COTIDIANO NA CULTURA FUMAGEIRA EM CATU-BA –
1955 A 1965.**

Alagoinhas – Bahia, 2011

MARIDELZA ALVES OLIVEIRA ESTRELA

**TRABALHO FEMININO E COTIDIANO NA CULTURA FUMAGEIRA EM CATU-BA –
1955 A 1965.**

Monografia apresentada em cumprimento às exigências do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, para obtenção do diploma de graduação

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira.

Alagoinhas – Bahia, 2011

À minha querida mãe que muito me apoiou,
a meu marido pela compreensão e a meu
filho por ter me proporcionado momentos de
grandes alegrias quando mais precisei.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador de todas as coisas, nosso Deus que é maravilhoso.

À minha família pelo apoio e carinho durante todo meu percurso enquanto estudante.

Aos amigos que estiveram ao meu lado sempre que precisei, mas agradeço também aos que não colaboraram diretamente, me fazendo crescer e melhorar cada vez mais. Porém, quero agradecer em especial a amigos como Éverton Dória, Gredson dos Santos, Marcelo Oliveira e Rafael Rosa que contribuíram de forma excepcional para que pudesse chegar até aqui. A vocês meus amigos, o meu muito obrigado.

Ao Prof^o Orientador Raimundo Nonato que muito ajudou no desenvolvimento de meu trabalho através de suas preciosas orientações.

Aos professores Paulo Santos, Daniel Francisco, Maria das Graças, Maurício, Arivaldo Lima, José Gledison, Eliane Mota, dentre tantos outros que contribuíram para que eu adquirisse os conhecimentos necessários para chegar até aqui.

À todos os entrevistados, em especial às entrevistadas, pois suas memórias foram fundamentais para que esse trabalho de pesquisa se desenvolvesse de maneira tão interessante e frutífera.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo, refletir as relações que permearam o cotidiano das trabalhadoras e trabalhadores na cultura fumageira do município de Catu-BA, de 1955 a 1965, período em que o trabalho fumageiro se desenvolvia tanto nas lavouras como nos armazéns e nas casas. O estudo utilizou-se de fontes orais, fontes documentais do memorial da Câmara de Vereadores, entrevistas, documentos e fotografias do acervo pessoal dos envolvidos no trabalho com o fumo. Dentre os documentos citados, dedicou-se uma atenção minuciosa à transcrição das entrevistas por considerá-la também um momento importante da pesquisa, porém, não se perdeu de vista a importância da associação desses relatos com as demais fontes. Houve ainda um diálogo entre a historiografia que estuda temas privilegiado pela Nova História, como é o caso das questões relacionadas ao cotidiano, à mulher, à memória e ao trabalho, identificando os sujeitos envolvidos com suas estratégias de sobrevivência, as práticas cotidianas, as dificuldades e superações vivenciadas. Dedicou-se também uma atenção especial às memórias das trabalhadoras fumageiras, cuja mão-de-obra é marcante nesse tipo de produção, destacando as relações construídas no cotidiano do trabalho e da família, podendo assim traçar um breve perfil das mesmas. O cotidiano das mulheres fumageiras foi marcado pela intensidade exigida do trabalho que consistia desde a saída de sua casa, o trajeto para o espaço de trabalho, seja no campo ou na cidade, a estrutura e hierarquização do trabalho até as relações dentro e fora dos espaços de trabalho. Por fim, essa pesquisa busca refletir as várias formas de socialização vivenciadas pelas trabalhadoras e trabalhadores da cultura fumageira.

Palavras-Chave: Memória, cotidiano, mulher e trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. RECÔNCAVO BAIANO E A CULTURA DO FUMO	12
2.1 CARACTERÍSTICAS REGIONAIS	12
2.2 CULTURA DO FUMO: DO PLANTIO AO BENEFICIAMENTO	17
3. A MULHER TRABALHADORA E SEUS DESAFIOS	22
3.1 OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO	23
3.2 MULHER TRABALHADORA E O AMBIENTE FAMILIAR	28
4. O COTIDIANO NA CULTURA FUMAGEIRA	32
4.1 O COTIDIANO DO MANUSEIO COM O FUMO	34
4.2 MULHERES FUMAGEIRAS: QUEM SÃO?	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6. FONTES.....	49
7. REFERÊNCIAS.....	51
8. ANEXOS	54

1. INTRODUÇÃO.

O estudo sobre o trabalho da mulher fumageira no município de Catu-Ba, no período de 1955 a 1965, tem por objetivo, analisar o cotidiano que envolve esse trabalho, através das memórias das trabalhadoras e trabalhadores. A delimitação desse período se deu a partir da coletânea dos documentos e das memórias desses trabalhadores. Tomando por base esse material foi possível adentrar o cotidiano desses indivíduos tanto em seu trabalho, como em seu lar.

As memórias em particular, possibilitaram o acesso ao cotidiano de mulheres e homens no trabalho com o fumo, tanto no campo como na cidade, dando a oportunidade para se refletir acerca dos problemas e necessidades por elas vivenciados, buscando traçar um breve perfil dessas mulheres, assim como ampliar as discussões que permeiam as relações de trabalho, gênero, superação e poder presentes nesse contexto histórico.

Dessa maneira, a pesquisa que aqui se apresenta, foi fruto das reflexões sugeridas a partir da leitura das memórias, extraídas das entrevistas, concedidas por trabalhadoras e trabalhadores da cultura fumageira do município de Catu, que atuaram na plantação ou nos armazéns de fumo, cujas vidas estavam atreladas a essa produção.

O título dessa pesquisa se refere ao trabalho feminino e seu cotidiano tanto no campo como nos armazéns de fumo. A partir do estudo do cotidiano desse grupo foi possível entrar em contato com informações referentes às diversas formas de luta, submissão e de superação por parte das mulheres trabalhadoras da cultura fumageira de Catu.

Nessa pesquisa, utiliza-se o termo “*cultura fumageira*” ou “*cultura do fumo*” para expressar todos os serviços realizados em torno do fumo, qual seja, desde o plantio e seus cuidados na zona rural, até seu beneficiamento nos armazéns da zona urbana e sua exportação. Porém, como a proposta dessa pesquisa é de trazer reflexões acerca do cotidiano feminino no trabalho com o fumo em Catu, esses termos, entrarão na discussão para que também se possa fazer referência às relações, valores e hábitos das trabalhadoras e trabalhadores envolvidos nesse ofício.

O interesse de escrever acerca do cotidiano desses surgiu a partir de um anseio pessoal e profissional de conhecer um pouco da história e do perfil desses trabalhadores, principalmente das trabalhadoras. Pessoal por que o interesse e curiosidade para entender as histórias passadas sempre se fizeram presente, além do

sentimento de pertencimento e identificação com a história dessas mulheres enquanto trabalhadoras, mães e esposas; profissional no sentido de exercer a docência na Disciplina de História, aproximando os discentes da história que lhes rodeia, tendo sempre em vista, como afirma Vavy Pacheco Borges, que a história não é o passado, mas um olhar dirigido ao passado, a partir do qual esse objeto ficou representado.¹

Esse anseio ganhou corpo e suporte, durante o Curso de Licenciatura em História, através de dissertações e teses que trouxeram reflexões e estudos acerca daqueles que são maioria, pois, como afirma Del Priore “[...] a história não é produto exclusivo dos grandes acontecimentos; ao contrário, ela se constrói no dia-a-dia de discretos atores que são a maioria”.² Maioria que nesse trabalho se apresentam como mulheres ligadas à atividade laboral fumageiras exercida com muita dificuldade, enfrentando diversos obstáculos e participando da construção de sua história.

Optar por analisar questões relacionadas à vida das trabalhadoras e trabalhadores ligados ao labor fumageiro nos faz adentrar as questões defendidas pela Nova História, quando busca privilegiar o estudo de fontes relacionadas à vida de indivíduos ou de grupos comuns. Nesse sentido, Jim Sharpe, discute as concepções da Nova História na perspectiva do estudo da “história vista de baixo”, ou seja, uma história que coloca os indivíduos ou grupo comuns como agentes de sua própria história, cujas ações afetariam o mundo em que vivem.³ Essas ações privilegiam os estudos e discussões proposto pelos historiadores orais, porém, além das fontes orais eles se valem também do importante suporte oferecido pelas fontes escritas.

Dessa maneira, a presente pesquisa utilizou-se, além das fontes orais, as fontes escritas que favoreceram ao desenvolvimento teórico e metodológico de conceitos históricos como região, memória, trabalho e oralidade. Buscou-se também fontes iconográficas, visita ao memorial da Câmara de Vereadores do município e fontes orais com antigas trabalhadoras e trabalhadores da cultura fumageira, filhos de proprietário de terra e de gerente de armazém num total de oito entrevistados.

Porém, muitas foram as dificuldades encontradas para conseguir as fontes locais, isso por que, ao fazer visitas a setores como câmara de vereadores e fórum, encontrei poucos documentos tanto iconográficos como documentos escritos

¹ BORGES, Vavy Pacheco. O que é história. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.46 e 47.

² DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 266.

³ SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 60.

passados, relacionados ao tema dessa pesquisa. Isso nos faz atentar para o desinteresse dos órgãos públicos em preservar registros de pessoas comuns, dando-se mais ênfase aos interesses dos grupos dominantes, esquecendo que os feitos dos grupos populares também fazem parte da história de seu povo. Diferente da forma como se deu para localizar as fontes escritas, as fontes orais foram se apresentando sem maiores dificuldades, pois, ao entrevistar as oito pessoas, em sua maioria mulher, se dispuseram a expor suas memórias, cuja preocupação consistiu apenas em saber o destino da pesquisa. Supõe-se ter havido certo desprendimento por parte dos entrevistados por já haver certa proximidade, anterior às entrevistas. Houve, entretanto o cuidado de conduzir as entrevistas de forma coerente para que o grau de conhecimento preexistente entre entrevistador e entrevistado não interferisse na qualidade do trabalho.

As entrevistas transcorreram de forma livre, pois os entrevistados ficaram à vontade para expor suas memórias, havendo poucos momentos de intervenção por parte da entrevistadora que a tudo gravava. Dessa forma, a fonte oral, associada aos fundamentos da História Oral, passou a ser um potencial recurso que possibilitou o acesso as informações ainda inexploradas do cotidiano das mulheres fumageiras que tiveram suas histórias esquecidas e negligenciadas. A importância de trazer a História oral para essa discussão se fundamenta na afirmação de Etienne François quando diz que “A História Oral [...], dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, etc.), à história do cotidiano e da vida privada [...], à história local e enraizada [...] a uma ‘história vista de baixo’”.⁴ Tomando por base essas questões é que se pôde iniciar, nessa pesquisa através das entrevistas, uma leitura das estratégias de sobrevivência e superação manifestadas pelas mulheres fumageiras em resposta às várias formas de dominação, seja no campo, nos armazéns ou no ambiente de sua casa

A entrevista é um mecanismo que favorece tanto ao entrevistado como ao entrevistador. Ao primeiro dá a possibilidade de rememorar situações vividas, podendo compartilhar com outros; ao segundo que é o pesquisador, possibilita entrar em contato com fatos passados a partir do relato das memórias, podendo a partir delas construir interpretações cabíveis a sua pesquisa.

⁴ FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. (Org.) Usos e abusos da História Oral. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 4.

Estando com as entrevistas em mãos, o pesquisador precisaria está atento aos possíveis problemas cronológicos próprios da memória e aos fragmentos que se contradizem, o obrigando a fazer um exercício constante de interpretação. Isso se faz necessário pontuar por que a fonte oral não corresponde apenas ao que foi feito, mas ao que o entrevistado pretendeu fazer e ao que pensa ter sido feito. Cabe ao pesquisador, então, levar em conta essas questões e fazer o devido recorte pertinente à proposta de seu trabalho. Outra questão fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa foi a transcrição minuciosa das memórias. Vale pontuar ainda que a fonte oral deve contar com a análise e interpretação de outras fontes como os documentos escritos, já relacionados anteriormente, e com as fontes iconográficas.

Outra fonte importante utilizada nessa pesquisa são as imagens ligadas ao fumo como mapa do Recôncavo localizando o município de Catu ao Norte, um panorama da estrutura física do comércio de Catu no ano de 1958, imagens das carteiras de trabalho e das mulheres fumageiras. A pretensão ao utilizar essas imagens é que não sirvam como meras ilustrações, mas como fontes históricas que possibilite junto às fontes orais, questionar ou sugerir um dado momento ou fato, levando-se em conta a sua importância enquanto documento para o entendimento da história que representa.

Para *Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad*, a imagem ou fotografia representaria a marca cultural de uma época, além de fazer rememorar um passado ali representado. É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época, não só pelo passado ao qual nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona.⁵

A imagem ou fotografia representa uma marca cultural de uma época que geralmente pode ser percebida a partir das várias manifestações de um grupo ou de indivíduos. Sabendo-se das várias discussões acerca do problema do uso da imagem pelo historiador que muitas vezes é acusado de utilizá-la meramente como ilustração, apesar das várias limitações existentes nessa pesquisa, espera-se que tenha alcançado tal objetivo, até por que as mesmas não falam por se só, elas estão sempre ao lado de outras fontes. Assim, fontes oral, escrita e iconográfica se cruzam, nessa pesquisa, na busca de recriar fatos que favoreceram a formação de uma consciência do espaço ocupado pelos trabalhadores, principalmente trabalhadoras.

⁵ CARDOSO, *Ciro Flamarion* e MANUAD *Ana Maria*. História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema. In: CARDOSO, *Ciro Flamarion* e VAINFAS, *Ronaldo*. Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997. p. 406

A partir da relação estabelecida entre as fontes oral, escrita e iconográfica, buscou-se traçar um breve perfil das fumageiras com o intuito de conhecer um pouco melhor o cotidiano dessas mulheres.

Tendo percorrido essas breves informações acerca das mulheres envolvidas direta ou indiretamente no trabalho com o fumo, vale ressaltar que o olhar restrito lançado até aqui, acerca do cotidiano do trabalho feminino com o fumo em Catu, ainda oferece espaços para novas leituras a partir das fontes aqui apresentadas e discutidas, assim como de outras que se apresentarão em trabalhos futuros. Assim a presente pesquisa se apresentou a partir de três itens. O primeiro – Recôncavo Baiano e a cultura do fumo – discute as condições naturais e históricas da região, mais precisamente, da região fumageira a partir do desenvolvimento da lavoura e dos trabalhos desenvolvidos nos armazéns de fumo, no beneficiamento da produção desse produto e sua importância comercial. Nesse item se faz um recorte espacial no sentido de colocar o município de Catu, localizado ao Norte do Recôncavo baiano e fumageiro, como parte integrante desse processo.

O segundo item – A Mulher Trabalhadora e seus desafios – aborda os significados do trabalho para as mulheres, os desafios encontrados dentro e fora do convívio familiar, além das estratégias por elas criadas para sobreviver e superar as dificuldades apresentadas.

O terceiro item – O cotidiano na cultura fumageira – se propõe a adentrar um pequeno espaço na imensidão que o cotidiano das trabalhadoras e trabalhadores fumageiros de Catu representam, sua dinâmica tanto na zona rural como nos armazéns, assim como em suas casas, na cidade; as relações de poder existentes entre os gerentes, os mestres, os pais ou maridos e os laços de solidariedade reforçados pelas dificuldades apresentadas, traçando a partir desse cotidiano um perfil muito peculiar às mulheres fumageiras.

Antes de adentrar as reflexões desse trabalho de pesquisa, se faz importante pontuar que as mulheres fumageiras aqui apresentadas não se constituíram apenas enquanto trabalhadoras, mas como aquelas que fizeram sua história, através das estratégias de sobrevivências presentes em seu dia-a-dia.

2. RECÔNCAVO BAIANO E A CULTURA DO FUMO.

Recôncavo significa “enseada”, terra ao redor de uma baía que circunda a Baía de Todos os Santos, também chamado de hinterlândia e celeiro da cidade do Salvador.⁶ Região de chuvas intensas e de temperatura amena, no Recôncavo se destaca dois tipos de solos: o massapé e o argilo-arenoso. O primeiro de cor avermelhado escuro, cola à planta dos pés em época de chuva e no período seco se torna consistente e folhado; o segundo também tem a cor avermelhada e, assim como o massapé, está presente em quase toda a região. O Recôncavo é um espaço privilegiado pela riqueza do solo e, conseqüentemente, pela variedade dos cultivos agrícolas com destaque para as culturas de cana-de-açúcar e de tabaco.

No Recôncavo baiano se implantou a primeira sociedade escravista brasileira, se consolidando uma das áreas mais produtivas do país, principalmente, ao que se refere ao cultivo da cana-de-açúcar e do tabaco. Contudo, o uso do trabalho escravo mais direcionado a estas duas culturas, não impediu que surgisse nessa região um mercado urbano e rural bem desenvolvido para necessidades básicas. Isso porque o Recôncavo desenvolveu também a agricultura para consumo local como a mandioca, o feijão, o milho e o amendoim. No caso da mandioca, diferente dos outros produtos, além de suprir as necessidades locais, também era produto de exportação. Assim, o açúcar, o fumo e a mandioca deram ao Recôncavo baiano uma economia bem desenvolvida atendendo ao Brasil e ao exterior.

2.1 CARACTERÍSTICAS REGIONAIS

Estes fatos nos remetem a uma discussão acerca do que pode definir ou caracterizar uma região. Ana Maria Carvalho Oliveira propõe uma discussão acerca desta temática, que a partir da ação humana presente no tempo, espaço e elementos da natureza, transforma os campos político, social, econômico e geográfico favorecendo a caracterização ou definição dos aspectos de uma região.

A definição de uma região dá-se através do processo histórico e ganha significado a partir da ação do homem em suas diversas expressões. A região é também uma expressão da atividade humana no tempo. [...] Elementos da natureza como os rios, o solo, o clima, o relevo, podem levar a caracterização de uma região, entretanto, é a atividade humana, a ação dos homens sobre

⁶ MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia: A cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978. p. 26.

tais elementos que levará as transformações lentas ou rápidas em um determinado espaço⁷.

A ação humana e suas transformações sobre o espaço em que vive, definem e caracterizam uma região. O dia-a-dia e as atividades humanas dão à região um aspecto que é peculiar aquele espaço construído pelos indivíduos que dele fazem parte. A região se configura também nos elementos subjetivos e pessoais, das dimensões psicológicas e existencialistas, abordando as experiências cotidianas dos sujeitos com a valorização da história e do vivido.⁸

A discussão acerca da região, suas definições e características é extremamente ampla, por isso necessitaria de análises mais detalhadas, mas como não é esse o intuito deste trabalho, a mesma poderá ganhar mais campo em futuras reflexões.

Apesar de ter uma área extensa e ser uma região economicamente diversificada e plural, do ponto de vista de sua produção, neste período também é possível identificar o Recôncavo da cana-de-açúcar, do fumo, da mandioca e o Recôncavo norte com a lenha e o carvão vegetal,⁹ entre outros produtos. Foi, no entanto, o cultivo e comercialização do açúcar e do fumo que determinaram em maior proporção o desenvolvimento econômico e social desta região. Ao final do século XIX e início do XX, apesar dos esforços dos senhores de engenho em manter sua produção e comercialização, o açúcar declinou. Além da concorrência de outros países produtores, o clima instável do Recôncavo de períodos com seca e períodos intensamente chuvosos, também favoreceram para este declínio. Além do declínio da produção açucareira, esse período foi marcado por escassez e restrições econômica na Bahia, como destaca Mattoso.

O período compreendido entre 1897 e 1905 foi marcado pela escassez econômica na Bahia, não só por causa das dificuldades de produção e comercialização do açúcar, mas também por causa das secas que atingiram o litoral, das restrições ao crédito e os preços estagnados do fumo¹⁰.

⁷ OLIVEIRA, Ana M^a Carvalho dos Santos. Recôncavo Sul, Terra homens economia e poder no século XIX. Salvador – BA: UNEB, 2002, p. 40.

⁸ GOMES, Margarete Nunes Santos. Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980). (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010. p. 39.

⁹ SANTOS, Milton. *A Rede Urbana do Recôncavo*. IN: Brandão, Maria de Azevedo (org.). Recôncavo da Bahia. Sociedade e Economia em Transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, A.L.B. / UFBA. 1998, p. 65.

¹⁰ MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia século XIX: Uma Província no império. 2^a Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2005. Apud OLIVEIRA, Marcelo Souza. Uma senhora de engenho no mundo

Além desses fatores a abolição dos escravos, em 1888, abalou a elite agrária do Recôncavo baiano que em sua maioria perderam praticamente toda sua produção, sendo assim obrigados a saírem de suas terras e morarem na capital. Tendo sido um dia o provedor de sua família e senhor de um mundo de conforto e fartura, onde ele era o poder, o ex-senhor de engenho do Recôncavo baiano, passou a ocupar cargos dentro do governo ou passou a depender da ajuda financeira dos filhos que também tinham que trabalhar para sobreviver.

Estando num mundo diferente do qual construíra, ele e sua família, segundo Oliveira em *Uma Senhora de Engenho no mundo das letras: O declínio senhorial em Ana Ribeiro*, foram tomados por um sentimento saudosista ao se lembrarem de um período de glória e ascensão. Esses fatos são apresentados pelo autor através das obras literárias de Ana Ribeiro (1843-1930), ex-senhora do Engenho Api, comprado por seu pai Mathias de Araújo Góes e seu tio Pedro Ribeiro de Araújo em 1855¹¹, localizado em Santana do Catu¹² que foi emancipado da Vila de São Francisco do Conde em 26 de junho de 1868. Santana do Catu como em praticamente todo o Recôncavo baiano, cultivava além do açúcar, o fumo e a mandioca em seus engenhos pertencentes a grandes proprietários como afirma Barickman.

As fazendas e os sítios que pertenciam aos demais moradores desses distritos produziam farinha, algodão, e fumo; em algumas propriedades criava-se gado. O fumo e a mandioca também eram cultivados em Santana do Catu, São Pedro do Rio Fundo e Nossa Senhora da Oliveira dos Campinhos¹³.

Barickman, em sua afirmativa, coloca Santana do Catu no panorama da economia baiana com sua representabilidade e importância, pois desde o século XIX que este também configuraria o cenário econômico do Recôncavo. Santana do Catu, localizado ao norte do Recôncavo¹⁴ a 78 km de Salvador, fazia parte da Vila de São Francisco do Conde, foi emancipado em 26 de junho de 1868. Ainda há muito que responder acerca da produção e exportação do fumo em Catu no período que consiste entre final do século XIX e início do XX, pois é interessante compreender

das letras: O declínio senhorial em Anna Ribeiro. Salvador – BA: EDUNEB, 2008, p. 139.

¹¹ BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. Longos serões do campo. 2º vol. Maria Clara Mariani Bittencourt (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. p. 174 e 289.

¹² OLIVEIRA, Marcelo Souza. Uma senhora de engenho no mundo das letras: O declínio senhorial em Anna Ribeiro. Salvador – BA: EDUNEB, 2008, p. 148.

¹³ BARICKMAN, B. J. Um Contraponto Baiano: açúcar. Fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo: 1780-1860- Tradução (Maria Luiza Borges) Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003, p. 43-44.

¹⁴ Ver mapa em anexo.

como a economia catuense se comportou no período entre a decadência do açúcar e o desenvolvimento da cultura do fumo até meados do século XX.

Outro ponto importante é buscar entender qual espaço social e econômico ocupou a cultura fumageira na economia de Catu no início do século XX e quem fez parte deste processo. Essas reflexões são de extrema importância para esse trabalho, pois apesar de ter investido mais nas análises do período posterior ao início do século XX, qual seja o período de 1955 à 1965 por falta de fontes orais e escritas disponíveis, trabalhos futuros que seguirão essa mesma linha tentarão trazer discussões e novas reflexões ao início do século XX. Guardando as devidas proporções, por hora nos ateremos em propor uma discussão acerca da cultura do fumo em Catu, no período de 1955 à 1965, trazendo à luz da história os indivíduos que atuaram nesse ambiente assim como seu cotidiano. Buscaremos assim, percorrer o mesmo caminho traçado por Margarete Nunes Santos Gomes e Elizabete Rodrigues da Silva que discutiram em seus trabalhos acadêmicos a trajetória da mulher trabalhadora no ambiente da cultura do fumo.

Elizabete da Silva, ao analisar o trabalho com o fumo no sul do Recôncavo, apresentou com detalhes todo o processo pelo qual passou o fumo tanto no campo, como nos trapiches até sua exportação, colocando essa área como um espaço mais restrito por causa de sua formação social que engendrou novos tipos de relações sociais, de instituições e de valores peculiar àquela região.¹⁵

O município de Catu se aproxima dessa região no sentido de ter constituído também uma população cujos costumes e valores estiveram diretamente ligados ao trabalho com o fumo, porém, difere na confecção do charuto, atividade que não era da especialidade dos armazéns de fumo desse município. Seu trato com o fumo consistia em plantio, colheita, beneficiamento (seleção, destalar, manocar, prensar) nos armazéns e depois transportados para Salvador de onde seriam exportados. Porém, um aspecto dentre outros apresenta uma possível proximidade do cultivo e comércio do fumo em todo o Recôncavo Fumageiro que seria a presença alemã no incentivo da produção fumageira e a compra dessa produção para exportação. O interesse alemão pelo fumo baiano se deu segundo Paulo Henrique de Almeida, por três razões: expansão do consumo mundial do tabaco; inexistência de colônias alemãs produtoras de fumo; e pela boa aceitação dos fumos produzidos no Recôncavo pelos mercados

¹⁵ SILVA, Elizabete Rodrigues da. Fazer charutos: uma atividade feminina. Dissertação. Salvador – BA: UFBA, 2001, p. 29.

da Europa Central.¹⁶

Os alemães controlavam a produção e comercialização do fumo em folha no Recôncavo baiano, além de manterem contato direto com empresas do ramo na Europa. O plantio, beneficiamento e exportação deste produto, eram as principais ações ocorridas no Recôncavo Fumageiro; dessa forma, faz crer que também em Catu a presença de alemães foi marcante e decisiva para o desenvolvimento do município no ramo da cultura do fumo. Porém, não foi apenas a presença dos alemães que aproximou todas as regiões do Recôncavo Fumageiro, um fato marcante foi a utilização da mão-de-obra feminina nesse tipo de produção. Muitas das mulheres tinham que sair de seus lares que muitas vezes era na zona rural para irem trabalhar nos armazéns de fumo na cidade.

Lançaremos um breve olhar sobre a população de Catu que ali viveu e trabalhou com o fumo no período de 1950 a 1965, comercializando e exportando este produto, onde muitas mulheres e homens tiveram suas carteiras assinadas, mesmo num período em que a Petrobrás se instalou em Catu, absorvendo uma fração considerável de mão-de-obra. Os indivíduos que se envolveram no trabalho com o fumo, tanto no campo como nos armazéns na zona urbana, colaboraram significativamente para a formação de uma sociedade em desenvolvimento. Catu no período citado era um município de estrutura e hábito tipicamente rural, suas ruas faziam divisa com um vasto espaço rural, as fazendas se confundiam com a cidade em desenvolvimento. Segundo o senhor André que chegou a Catu em 1956, boa parte da zona urbana só tinha umas “[...] casinhas assim. O restante era tudo terreno baldio, tudo mato [...]”¹⁷

Nesse período, apesar de o seu comércio já dar sinais de desenvolvimento, Catu ainda era um município tipicamente rural, pois dependia das atividades agrícolas como as plantações de açúcar, fumo e mandioca para movimentar sua economia. O trabalho com o fumo, em particular, tinha uma dinâmica própria, pois reunia uma diversidade de atividades que ia do campo à cidade, dos armazéns de fumo às casas das fumageiras, como sendo uma extensão dos trabalhos feitos nos armazéns.

¹⁶ ALMEIDA, Paulo Henrique de. A manufatura do fumo na Bahia. Dissertação. Campinas: UNICAMP, 1983. p. 17.

¹⁷ André Oliveira, 77 anos, residente na Rua Jorge Calmon em Catu-BA. Marido de dona Valdenice Nascimento Oliveira, ex-trabalhadora de armazém de fumo, que a pedido do mesmo, participou da entrevista de sua esposa, onde fez alguns comentários a partir do período em que chegou em Catu-Ba em 1956. Entrevistado em 19 de setembro de 2007, duração: 1 hora.

2.2 CULTURA DO FUMO: DO PLANTIO AO BENEFICIAMENTO.

O fumo ou tabaco cultivado nas lavouras ou plantações se desenvolveu em solos silício-argiloso, profundo e bem arejado, num clima de chuvas regulares. A discussão acerca da origem desta planta é ampla e de muitas divergências entre os pesquisadores. Porém, o estudo destas discussões ficará para outra oportunidade. No Brasil, o cultivo do fumo foi iniciado no Recôncavo baiano, nos primeiros anos da colonização, tendo seu comércio desenvolvido e ampliado a partir do século XVIII, com a comercialização e exportação do fumo em corda e depois em folha, para os países europeus.

Os primeiros sinais de desenvolvimento do cultivo e comercialização do fumo ocorreram nos campos de Cachoeira, estando presente também em todo o Recôncavo baiano e em Catu-Ba, foco deste trabalho.

O trabalho com o fumo no município de Catu, como em todo setor fumageiro, envolvia desde o médio ao pequeno proprietário de terras, assim como comerciantes que administravam os armazéns de fumo e a mão-de-obra de muitas mulheres que trabalhavam nesse setor. O trabalho consistia em semear, limpar a lavoura, colher as folhas, confeccionar 'manocas' de fumo, (forma de amarrar as folhas de fumo para melhorar sua qualidade e sua classificação) e colocar para secar nas sevas.

O processo de plantio e comercialização do fumo, em Catu, ocorrido desde o século XIX, passou pelo fumo em corda para depois passar a comercializar o fumo em folha, como relata dona Margarida,

[...] na roça também eles faziam o fumo de corda, agente também fazia. Na época, naquela época, Maurício era um dos maiores produtores de nossa redondeza de fumo... Quando eu tinha meus 16 anos, ele era um dos maiores produtores. [...] Agente plantava assim, meia tarefa, uma tarefa, às vezes pegava de meia com eles¹⁸.

Havia na zona rural os pequenos e grandes lavradores, os primeiros por não disporem de muitos recursos para plantarem fumo e outros produtos em grandes escalas, muitas vezes iam trabalhar nas terras dos grandes fazendeiros como meeiros ou trabalhadores na plantação de fumo em folha e de produtos alimentícios,

¹⁸ Margarida Marques Seixas, ex-lavradora de fumo na Fazenda Estanque com sua família, 70 anos, e na Fazenda Jatobá com o senhor Maurício Ramos, residente na Rua Benjamin Constant em Catu-BA. Entrevistada em 29 de setembro de 2007, duração: 1 h e 20min.

como feijão e mandioca como a família de dona Margarida.

O fumo em Catu era cultivado em pequenas e médias propriedades e a mão-de-obra quase sempre, como destaca dona Margarida, era familiar, ou seja, esta atividade exigia a participação de mulheres, crianças, todos de uma mesma família. A família era à base da unidade de produção. Todos, homens, mulheres e crianças, participavam do trabalho. No período de plantio e colheita, quando ocorria o chamado adjutório (ajuda mútua), formava uma rede de solidariedade entre os trabalhadores rurais.

Na Fazenda Jatobá, em Catu, de propriedade do senhor Maurício Alves da Silva (1916–2003), conhecido pelos amigos e trabalhadores como Maurício Ramos, a plantação de fumo era grande de 10 a 20 tarefas. Este lavrador além de plantar também tinha todo um cuidado com as folhas em seus armazéns para serem de boa qualidade e bem vendidas. Em seus armazéns, ele colocava seus trabalhadores para colocar o fumo na seva para secar e destalar, no dia da amarração convidava todos para uma espécie de mutirão, onde todos ajudavam para que o serviço se desenvolvesse mais rápido. Segundo dona Maria Rita, esta época era muito boa,

Os trabalhadores, cada um tinha, vamos dizer um montinho assim (faz gesto de um montinho) para destalar, mas não levava muito tempo, não. Aí, tinha naquela época, hoje se chama mutirão, né, aí convidava aquelas pessoas, os vizinhos chamavam amarração de fumo, sabe! Cantava música, contavam histórias. Eu mim lembro que contavam umas histórias bonitas, que hoje eu tento me lembrar, mas não me lembro. Contavam histórias de reis e rainhas, que tinha uma moça e um príncipe que foi degolado. Era muito divertido (...)¹⁹.

Este tipo de cuidados que ocorria nos armazéns do senhor Maurício Ramos também é lembrado por dona Margarida com muita alegria, pois para ela “(...) aquilo ali pra agente era uma festa, era a época que agente comia bastante arroz doce, bastante muncunzá. A festa também do... da amaragem do fumo e da colheita, era tudo uma festa”. Apesar de considerar aqueles momentos muito bons, em certo momento da entrevista ela fala acerca da dureza de ter de trabalhar para comprar suas coisas após a morte de seu pai, além de ter de ajudar seus irmãos. Em geral, o que as mães ganhavam dava mal para seu próprio sustento e ainda tinham que dá de comer a seus filhos.²⁰ Diferente de D. Margarida muitas outras mulheres se

¹⁹ Maria Rita Pereira da Silva, filha do senhor Maurício Ramos, 51 anos, residente em Catu-BA. Entrevistada em 13 de setembro de 2007, duração: 50 minutos.

²⁰ FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In. DEL PRIORI, Mary. História das Mulheres no

deslocavam da zona rural para a urbana afim de trabalharem com o beneficiamento do fumo nos armazéns.

Os armazéns eram empresas de beneficiamento de fumo, onde se realizavam algumas atividades, como a fermentação, a escolha das classes, o enfardamento e dali era transportado para outras localidades. Na fermentação, o fumo era “acamado”, ou seja, era arrumado em forma de “cama” um sobre o outro, sendo revirado constantemente para que as folhas secassem, até que ficasse apurado. Posteriormente, o fumo seguia para a “escolha” ou seleção das folhas de acordo com a sua classificação, observando cor, textura, maciez e elasticidade.

O processo de beneficiamento do fumo no Recôncavo Fumageiro tem uma característica peculiar em sua produção: é de tipo familiar e minifundiária. Sua produção envolvia desde o próprio proprietário na fiscalização do plantio até colher o produto, até famílias completas que muitas vezes eram meeiros ou trabalhadores contratados. Homens, mulheres e crianças, todos eram envolvidos no trabalho do plantio, cuidados e colheita das folhas do fumo. O transporte desse produto, em geral era feito pelo proprietário que o levavam para serem vendidos os armazéns.

Todos os cuidados com o fumo ao chegar aos armazéns ficava por conta das mulheres, onde elas selecionavam, escolhiam pela qualidade do fumo, destalavam e acamavam, ficando aos homens a tarefa de prensar, enfardar e transportar. Porém, antes de ser transportado o fumo passava por um longo processo de manuseio dentro dos armazéns.

A escolha do fumo era feita logo que chegava aos armazéns. Esta tarefa era das escolhedeiros, onde separavam as folhas de qualidade das demais para depois fazerem as manocas (pequenas trouxas), arrumá-las para “curar” e fermentar, processo importante que diferencia a qualidade do fumo entre melhor ou inferior. Como relata dona Maria Regina, na época das atividades fumageiras, tanto os armazéns quanto as casas das famílias que com esse produto trabalhavam o cheiro forte do fumo era bem presente. Mesmo apresentando esta dificuldade, muitas das famílias catuenses por não terem outra renda para sustentar os seus, faziam de sua casa uma extensão do armazém quando “levava 20 kg de fumo pra tirar o talo até 11 h da noite, pra ajudar pai e mãe” ²¹.

Brasil. São Paulo: Contexto, 2001. 518.

²¹ Maria Regina Nunes, 76 anos, residente na Rua Oscar Pereira de Souza, é ex-trabalhadora do armazém Kueng & Co. Agência de Catu, assinado pelo gerente o senhor Antonio de Deus Seixas (1910 – 1995) de 1955 a 1959, 1961 a 1962. No armazém Exportadora Eichenberger, LTDA. Sucess. De,

O trabalho nos armazéns de fumo de Catu e outras regiões dependia das condições climáticas do local onde o fumo era plantado, pois as épocas de seca ou de chuva em excesso, determinavam se haveria uma boa safra ou não. Com esse determinante poderia se calcular a queda ou aumento da oferta de serviço para homens e mulheres. Essas bases climáticas eram de grande importância para os trabalhadores, pois fora das lavouras ou dos armazéns, a oferta de trabalho era escassa, quando não tinha serviço nos armazéns, prestava-se serviço no comércio e no caso das mulheres iam “lavar de ganho” ou trabalhar como doméstica em residências de famílias mais abastadas. Em média os trabalhos nos armazéns se davam de junho a novembro, quando os fardos de fumo chegavam. Ao chegarem aos armazéns o fumo ia ser escolhido, destalado, manocado, “acamar”, prensar para ser transportado.

Uma característica comum a todas as entrevistadas, ao falar sobre os armazéns de fumo, é o fato de chamar o local de trabalho pelo nome ou apelido do proprietário e não pelo nome da empresa, exemplo: COPATA gerenciada pelo senhor Vicente Paulo de Medeiros (1915-1990), é identificado como “o armazém de seu Vicente”; Kueng & Co. Agência de Catu, vindo a se chamar mais tarde como Exportadora Eichenberger, LTDA. Sucess. De, gerenciado pelo comerciante o senhor Antonio de Deus Seixas (1910-1995), também chamado “o armazém de seu Oscar (Pereira de Souza e de seu Antonio Seixas)”. Comenta dona Valdenice: “Eu trabalhei no armazém de seu Elísio Medeiros e no armazém de lá de... Oscar Pereira. O armazém de seu Elísio é onde tem ‘A Econômica’ (hoje, loja de confecções localizada na Rua Lourenço Olivieri, no comércio)”²².

Essa forma de identificar o local de trabalho com o nome do gerente e não o nome da empresa cria entre empregado e empregador uma proximidade quase familiar. A aceitação daquele clima de cordialidade por parte dos operários, apesar das condições de trabalho que segundo os entrevistados eram muito precários, tinham que sentar no chão por horas, o cheiro forte do fumo também incomodava, mas “agente não tinha outro recurso ou era aquele trabalho ou não tinha nada pra fazer”, lembra D. Maria Regina. Aos homens cabia a prensa, enfardamento e transporte dos fardos.

assinada pelo mesmo gerente de 1963 a 1964. Entrevistada em 17 de setembro de 2007, duração: 50 minutos.

²² Valdenice Nascimento Oliveira, 69 anos, ex-trabalhadora de armazém de fumo, residente na Rua Jorge Calmon em Catu-BA, Entrevistada em 19 de setembro de 2007, duração: 1 hora.

A rede ferroviária que ligou Salvador ao interior da Bahia cortando as terras de Catu, em 1863, favorecendo o embarque e desembarque de mercadorias, colaborou o desenvolvimento do comércio que se instalou nas proximidades das linhas de ferro. Apesar da existência da linha férrea, muitos produtores de açúcar, fumo e farinha de mandioca que tinham suas propriedades distantes tanto dos trens como dos transportes fluviais, faziam o transporte de suas mercadorias até o início do século XX nos lombos de mulas percorrendo trilhas por onde também passavam carros-de-boi e boiadas. Em meados do século XIX as rodovias são construídas e modernizam ainda mais a comercialização dos produtos vindos do Recôncavo baiano. A construção das rodovias também favoreceu ao transporte dos produtos agrícolas e manufaturados catuenses, pois, segundo o senhor José Carlos Avelino, estes produtos eram transportados em caminhões, segundo ele quando tinha 16 anos “o transporte dos fardos de fumo de Catu eram feitos em caminhões do senhor Maurício Ramos e Antonio Pena”²³, o primeiro era proprietário de terra e fumicultor e o segundo carreteiro.

O transporte ferroviário, assim como o rodoviário contribuíram de forma decisiva no crescimento econômico, social e cultural de muitas das cidades do Recôncavo baiano, em especial a cidade de Catu que teve na cultura do açúcar, do fumo e da mandioca seu maior crescimento.

Neste primeiro capítulo, buscou-se mostrar de forma mais abrangente as dimensões de uma região e suas características, em especial a região do Recôncavo baiano com suas peculiaridades. Mais adiante adentrou-se numa parte do Recôncavo cuja dinâmica circula em torno da cultura do fumo sendo intitulado de Recôncavo Fumageiro, uma área em que além do açúcar e da farinha de mandioca, produziu-se por muito tempo o fumo. Fez-se ainda uma abordagem acerca do plantio, beneficiamento e transporte deste último produto, sua contribuição para o desenvolvimento da economia do município de Catu, localizado ao norte do Recôncavo e a participação de uma parcela da população que trabalhou no plantio ou nos armazéns de fumo, em especial as mulheres catuenses que em busca de garantir o pão de cada dia, marcaram sua presença na história.

²³ José Carlos Avelino. 74 anos, residente na rua Juraci Júnior, s/n. Trabalhou aos 16 anos no armazém de fumo de sua família localizado, na época [1949], na Rua Ladeira de Pedra. Entrevista 14 de setembro de 2007. Duração de 72 min.

3. A MULHER TRABALHADORA E SEUS DESAFIOS

A expressão *mulher trabalhadora*, (...) traz certa redundância que talvez ainda tenha necessidade de ser usada, para dar maior clareza aos significados de nosso 'sujeito-objeto', quando se quer dar ênfase ao 'estatuto' de um ser que vem sendo desvalorizado ou ignorado como ser trabalhador, portador de diferenças de sexo, gênero, raça e de direitos daí emergentes²⁴.

A mulher enfrenta inúmeros desafios em seu dia a dia, que precisa driblar para defender seu espaço, enquanto trabalhadora, mãe e pobre. No ambiente de trabalho, tenta vencer os desafios de uma "invisibilidade" criada pelo mercado de trabalho cujos ideais estão pautados numa concepção masculinizante e discriminatória, em que a mulher deveria se constituir mais como mães e esposas do que operárias, cujo papel seria secundário.

Invisível aos olhos masculinos, as mulheres trabalhadoras sempre tiveram que ir em busca do reconhecimento profissional e social, lutando "(...) contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido (...) como 'naturalmente masculino'²⁵". Tiveram que criar diversas formas de luta para driblar os padrões já estabelecidos, em busca de fazer valer seus direitos de um maior espaço no mercado, melhores condições de trabalho, de saúde e valorização de sua mão-de-obra.

A participação da mulher trabalhadora nas diversas formas de luta, seja nas conversas entre as outras mulheres no ambiente de trabalho, seja nos movimentos sociais organizados por homens, sempre foi visto em sua maioria, como secundária tanto nos movimentos, quanto no mercado de trabalho. Para André Kartchevsky a mulher precisaria combater as imagens estereotipadas de si tanto no mercado de trabalho, como em seu cotidiano²⁶. As imagens de uma figura passiva e indefesa eram materializadas e defendidas pelos homens por causa do ambiente agressivo do mundo do trabalho, dessa forma ela "(...) devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da

²⁴ OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. A mulher, a sexualidade e o trabalho. São Paulo: HUCITEC – CUT, 1999, p. 45.

²⁵ RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.582.

²⁶ KARTCHEVSKY, André. O sexo do trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 15.

família trabalhando no espaço da rua²⁷”. Esse discurso se concretizou para manter a mulher cada vez mais afastada do mercado de trabalho, podendo assim deixá-la confinada no ambiente doméstico de onde, segundo a concepção masculina, nunca deveria ter saído.

Ser trabalhadora significa ter de enfrentar os desafios sociais apresentados, cujos obstáculos se concretizam na não materialização da sua presença como sujeito economicamente ativo, isso por que no mercado de trabalho elas estão em segundo plano sempre à sombra do homem, enfrentando grandes dificuldades pelas difíceis condições de trabalho.

As péssimas condições de trabalho é outro desafio enfrentado pelas trabalhadoras trazendo sérias conseqüências para sua saúde, pois em muitos casos para não correr o risco de perder o emprego, é preferível não relacionar a doença ao trabalho²⁸. A mulher busca vencer seus desafios na vida particular e no trabalho, objetivando sair da invisibilidade imposta pelos padrões sociais, através do desenvolvimento de suas habilidades, seja colaborando na administração das coisas da família, seja tentando amenizar as dificuldades financeiras através do trabalho remunerado. Isso ocorreria pelo fato de que, em nossa sociedade, ser trabalhadora é uma necessidade social, familiar e pessoal da mulher; ser mãe é uma característica que está implícita na sua vida e cultura; ser pobre é uma condição social que atinge tanto o homem como a mulher, porém essa última mais ainda por sua condição esta pautada numa cultura masculinizante e discriminatória, tanto dentro como forma do trabalho

3.1 Os significados do trabalho

O estudo da origem e do significado da palavra trabalho se faz importante pelo fato de estar presente em todas as ações do homem e em toda sua história, em alguns casos ele é apresentado como algo carregado de dor e sofrimento, em outros é motivo de orgulho para quem o pratica por desenvolver habilidades dentro da própria sociedade e em sua cultura. Para Albornoz a palavra trabalho, “as vezes carregada de emoção, lembra dor, tortura, suor do rosto, fadiga. Noutras, mais que aflição e fardo, designam a operação humana de transformação da matéria natural

²⁷ FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORI, Mary. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2001. p. 517.

²⁸ OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Op. Cit., p. 61

em objeto de cultura”²⁹.

O trabalho é uma atividade humana que visa modificar de forma significativa o meio em que se vive segundo as suas necessidades. A palavra trabalho vem do latim *tripalium*, composto de três paus para manter animais presos para poder ferrá-los. Trabalho tem outros significados, podendo ser usado, por exemplo, como esforço aplicado à produção de trabalhos acadêmicos, discursos, obras de artes que, como é visto como atividade e exercício estão também associados à dificuldade e incômodo. Significa também, a aplicação das forças e faculdades humanas³⁰, onde tanto o trabalho corporal, cujo resultado é imediato e visível, quanto o chamado trabalho intelectual que implica em atividades de forças espirituais e corporais, visam alcançar um determinado fim.

Durante toda sua história o significado de trabalho veio mudando segundo as necessidades de cada época. O trabalho manual por ser desenvolvido a partir de elevado esforço físico, sofrimento ou fadiga era visto pela filosofia antiga e medieval como atividade a ser desenvolvida por escravos. Os filósofos modernos começaram a defender o valor do trabalho manual e intelectual, onde ambos deveriam conviver juntos para que pudesse haver uma harmonia no trabalho, consideravam indispensáveis as operações materiais ou manuais para a obtenção de um saber que fosse ao mesmo tempo poder sobre a natureza, com vistas à satisfação das necessidades e dos interesses humanos³¹. Apesar do esforço de muitos desses pensadores em valorizar tanto o trabalho intelectual, quanto o trabalho manual, ambos continuaram separados, sendo que o último é visto como inferior e desqualificado, visão esta que permanece até os dias de hoje.

O trabalho braçal quase sempre foi associado à escravidão, à incapacidade de desenvolver habilidades intelectuais. Essa distinção é reforçada pelos grupos dominantes que desejam manter seu poder diante da maioria trabalhadora, colocando cada vez mais distante a possibilidade de acesso aos seus valores, desvalorizando os movimentos sociais e as lutas dos grupos menos favorecidos, que, segundo E. P. Thompson, faz com que as relações de exploração cresçam com supremacia³² para atender tão somente aos interesses individuais de poucos. No século XIX, com o

²⁹ ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 8.

³⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3ª Ed. Curitiba: Positivo, 2004, p. 1971.

³¹ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 964.

³² THOMPSON, E. P. A formação da classe operária II: A maldição de Adão. 4ª Ed. Tradução: Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 28.

surgimento das fábricas, o trabalho braçal ganhou intensidade de tal forma que não selecionava mão-de-obra, onde homens, mulheres e crianças eram convocados a trabalhar.

A dimensão crucial da valorização do trabalho encontrou suporte nas fábricas mecanizadas que se tornou a expressão suprema do capitalismo, alimentando as ideologias de que a partir dela não haveria limites para a produtividade humana. A fábrica, nesse momento, foi entendida como o lugar, por excelência, no qual o trabalho pode se apresentar em toda a sua produtividade. Porém, este espaço era ocupado em sua maioria por homens, deixando à mulher os trabalhos manuais, cujo salário era significativamente mais baixo do que o dos homens e suas condições de trabalho bem desfavoráveis.

A visão de que a mulher é mais dócil e flexível que os homens e que seu espaço no mercado de trabalho deveria ser restrito, se estabeleceu com mais força a partir do século XIX, pois a força de trabalho masculina deveria ser usada para suprir as necessidades do lar e não poderia ser substituída pelo trabalho da mulher que deveria se dedicar aos afazeres do lar e de sua família. Com o surgimento das fábricas, esse panorama mudou significativamente, pois muitas mulheres começaram a deixar o espaço do lar para adentrar o espaço público em busca de recursos para sobreviver e ajudar, juntamente com seus pais ou seu marido, no sustento da família. Essa saída do espaço do lar para o espaço da fábrica, fez crescer nas mulheres a necessidade de reivindicar melhores condições de trabalho e de salário que era inferior ao dos homens. Também no Brasil, essa realidade se fez presente e boa parte da mão-de-obra feminina foi absorvida pelas fábricas em vários setores como têxteis, manufaturados, entre outros.

Com o avanço da economia capitalista, no século XX, o crescimento das cidades e o desenvolvimento econômico brasileiro, cuja mão-de-obra era barata e abundante, tiveram avanço o processo de industrialização no país que exigiu a adaptação de homens e mulheres a um novo ritmo de trabalho passando ao compasso da alta produtividade. Apesar do avanço industrial no Brasil e do aumento da produtividade, o salários dos trabalhadores era muito baixo. Com isso, foram então surgindo movimentos reivindicatórios por melhores condições de trabalho e salários mais justos tendo a luta pela jornada de 8 horas como pauta, entre outras

reivindicações³³. A partir da década de 1930, se criou as leis trabalhistas, a regulamentação da Carteira de Trabalho, segundo a lei nº 21.175, o surgimento dos sindicatos, o direito às férias, à estabilidade profissional, o direito à maternidade, entre outros. A partir da lei nº 2162 de 1º de maio de 1940 instituiu-se o primeiro salário mínimo no valor de 240\$000 (duzentos e quarenta mil réis)³⁴ que deveria suprir as necessidades básicas do trabalhador.

Mesmo tendo sido instituído o salário mínimo para todos os trabalhadores brasileiros grande parte só recebiam a metade do valor e quando o assunto era diferença de sexo a situação se agravava. Na Bahia, assim como no Brasil, a maioria das mulheres recebia bem menos que os homens e desempenhavam funções inferiores no mercado de trabalho. No Recôncavo fumageiro, segundo Aldrin Castellucci, cuja atividade desenvolvida era o manuseio com a folha do fumo na fabricação de charutos, o padrão salarial era muito baixo, isso porque a maioria de sua mão-de-obra era composta por mulheres, pois esse tipo de atividade exigia um desempenho mais artesanal e delicado.

O recrutamento de mulheres [e de menores] para a indústria acabou por definir um padrão salarial extremamente baixo, insuficiente até mesmo para a reprodução da força de trabalho. Na indústria do fumo [...] enquanto [que] nas fábricas de cigarros havia presença de homens e o trabalho era mecanizado, nas manufaturas de charutos as mulheres eram quase a totalidade da mão-de-obra e o trabalho era quase todo feito de maneira artesanal³⁵.

A presença da mulher no mercado de trabalho baiano do fumo era considerável, chegando em alguns casos a 70% dos operários. O comércio e exportação do fumo se concentravam em Salvador; porém, era no Recôncavo que estava a maior parte da manufatura e das fábricas desse setor, assim como a maior concentração de operários, onde o maior contingente era de mulher. Mais especificamente no Recôncavo Norte, em Catu, os operários dos armazéns de fumo, principalmente as mulheres, recebiam um valor inferior ao salário mínimo de sua época, mesmo estando recebendo por hora ou por dia como foi o caso de D. Maria Regina que trabalhou no armazém KENG & COM. STUDES³⁶ de 1955 até 1962 que

³³ CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. Salvador dos Operários: Uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia. Dissertação de Mestrado. Salvador-Ba, UFBA. 2001, p. 12. Apud. CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. Salvador dos Operários: Uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia.

³⁴ Sobre o valor e variação do salário mínimo de 1940 a 2009 ver tabela no site do Ministério do Trabalho e Emprego http://www.mte.gov.br/sal_min/.

³⁵ CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. Op. Cit., pp. 28 e 30.

³⁶ Ver em anexo a figura 2. Imagem que mostra o local onde ficava as instalações do armazém de fumo

recebeu por hora de trabalho (honorário), também o caso do Sr. Antonio no armazém COPATA de 1963 a 1964 e de D. Antonieta no armazém de fumo COPATA no ano de 1965.³⁷ Se para os homens que tinha o espaço aberto no mercado de trabalho, receber menos do salário era preocupante, pois tinham a responsabilidade de sustentar a família, para as mulheres a situação era ainda mais dramática. A maioria das mulheres baianas, no caso do Recôncavo fumageiro, era pobre e tinham que trabalhar desde cedo para ajudar nas despesas da família, como relata D. Valdenice,

Eu não trabalhava de carteira assinada por que eu era de menor. Eu trabalhei nos armazéns [...], pra ajudar minha mãe a criar os filhos. Eu fui trabalhar nos armazéns de fumo, por que minha mãe que se chamava Maria Trindade Nascimento, já trabalhava lá, [...], eu fui crescendo ali (...)³⁸.

Mesmo trabalhando desde cedo, como foi o caso de D. Valdenice, sentem desde cedo o peso da responsabilidade de ser mulher, principalmente quando são obrigadas a se inserir no mercado de trabalho devido às condições econômicas da família. As mulheres trabalhadoras que em sua maioria são pobres, sempre estiveram presentes no mercado de trabalho, tiveram seus direitos negligenciados pelas leis trabalhistas brasileiras e salários inferiores aos dos homens, isso porque o mercado de trabalho ainda é um espaço masculino por excelência, no qual a mulher trabalhadora sofre todo tipo de discriminação, concentrada em pequeno número de ocupações. Porém, quando o assunto é trabalho com o fumo o mercado se amplia e as mulheres se tornam maioria, isso se dá, segundo Elizabete, porque o estereótipo da docilidade natural da mulher presente na visão dos empresários e da sociedade, influenciou nessa escolha³⁹. Essa forma de ver a mulher tanto no mundo do trabalho, quanto em diversos setores da sociedade, influenciou na preferência de mulheres para trabalhar nos armazéns de fumo, que pela mão-de-obra abundante entre outros fatores, fez cair o padrão salarial.

Além do trabalho nas fábricas e nos armazéns de fumo, a mulher sempre teve de desempenhar várias funções como operária, dona de casa, mãe e mulher. O ser mulher é uma condição que está presente na vida de todas, ser mãe é uma

KENG & COM. STUDES. O local é o Comércio de Catu e o ano é de 1958.

³⁷ Ver em anexo as figuras 3, 4 e 5, referentes às Carteiras de Trabalho dos trabalhadores do fumo.

³⁸ Valdenice Nascimento Oliveira, 69 anos. Entrevistada já citada.

³⁹ SILVA, Elizabete Rodrigues da. Op. Cit., p. 70.

condição social e biológica, porém ser dona de casa é uma condição imposta à mulher. Este último coloca às mulheres numa jornada de trabalho exaustiva, onde na fábrica são operárias e em casa são mães, esposas e donas de casa. Esse é um fato presente no dia-a-dia da grande maioria das mulheres. Elas se dedicam ao trabalho tanto quanto o homem e, quando voltam para casa, dedicam suas últimas forças às atividades domésticas. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho, em especial o trabalho nos armazéns de fumo, alterou os padrões dentro de casa e nas práticas tradicionais de divisão sexual do trabalho na família, porém as relações de gênero não se tornaram igualitárias.

O trabalho das mulheres fumageiras exigiu uma forma de luta diferenciada, principalmente por serem em sua maioria negras e pobres. Essa luta se deu no momento em que saíram de seu lar em busca de trabalho, decisão que poderia de um lado negligenciar sua honra de mulher decente e por outro lhe proporcionar ajuda financeiramente a si e sua família. Seus anseios por reconhecimento do trabalho desenvolvido e seu valor é demonstrado na fala de D. Maria Regina, que, apesar das dificuldades para chegar ao trabalho, reconhece que ali encontraria condições de ajudar sua família: “a gente não tinha nada, a gente era fraco, então a gente levava 2 kg de fumo (*para casa*) [...] pra ajudar pai e mãe. Eu não me lembro quanto ganhava, só sei que se falava em réis, [...], não me lembro mais⁴⁰”. O trabalho, para a maioria dessas mulheres, não significava apenas o recebimento do salário; era também uma conquista pessoal, pois além de receber um pagamento pelos seus serviços, ainda tinham a oportunidade de ir para a área pública, ambiente impróprio para as mulheres vistas como “de família”.

Vencer as dificuldades, para essas mulheres, era como vencer a si mesmo, era solucionar os problemas que se iam configurando em sua frente, sempre com o intuito de não desistir. Essas dificuldades estavam relacionadas não só ao trabalho no campo ou nos armazéns de fumo, mas também na necessidade de vencer os obstáculos de uma jornada duplicada em que além de serem mulheres pobres e operárias, em sua maioria, eram mulheres solteiras ou mães e donas de casa, que ajudavam na administração financeira da casa junto aos pais ou aos maridos.

3.2 Mulher trabalhadora e o ambiente familiar

⁴⁰ Maria Regina Nunes. 76 anos. Entrevista já citada.

(...) em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebem da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens.⁴¹

A mulher é vista em muitos grupos sociais como um ser que precisa ser poupada de muitos tipos de trabalho que ponham sua saúde e sua condição de mulher em risco. Porém, a mesma sociedade que elege uma suposta fragilidade feminina, é negligente por fazer vistas grossas à dupla jornada à qual é submetida, isso porque precisa trabalhar nos armazéns de fumo, no caso nos armazéns em Catu, e em casa, pois, quando solteiras ajudam sua mãe nos afazeres domésticos, quando casada tem de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Muitas das mulheres, por precisarem se submeter ao trabalho, eram obrigadas a levar seus filhos ainda crianças, por muitas vezes não ter com quem deixarem; com isso muitos deles acabavam realizando as mesmas atividades de seus pais. No caso das trabalhadoras dos armazéns de fumo em Catu, como em todo o Recôncavo fumageiro, as crianças ficavam em casa aos cuidados dos irmãos mais velhos, de parentes, de vizinhos ou iam com suas mães para ajudar no aumento da produção de sua mãe e aumentar a renda da família, como foi o caso de D. Valdenice, que nos relata: “Eu fui trabalhar nos armazéns de fumo, [...] quando era pequena, eu fui crescendo ali, aí quando cheguei a uma certa idade comecei a trabalhar no armazém⁴²”.

As dificuldades enfrentadas pela mãe de D. Valdenice para cuidar dos filhos, retrata boa parte da realidade da vida das mulheres fumageiras, que levavam seus filhos para os armazéns para poderem ajudar no aumento da produção, ambiente este onde cresciam e com o passar do tempo passavam a ser operários a trabalhar com o fumo. Por passar mais tempo ao lado de suas mães, e em muitos casos são mães solteiras, a educação dos filhos dependia quase que exclusivamente de sua mãe ou avó, isso por que a criação e educação das crianças estavam entregue às mulheres.

Apesar de a maioria das entrevistadas serem solteiras na época em que trabalharam nos armazéns, na maioria de suas falas suas mães aparecem como mulheres sempre preocupadas com seus filhos, o fato de terem de trabalhar fora, lhes traziam muito desconforto. Para muitas mulheres trabalhar é uma honra, mas também

⁴¹ BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: A experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, p. 450. Apud. BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: A experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

⁴² Valdenice Nascimento Oliveira, 69 anos. Entrevistada já citada.

lhes traz um grande peso da culpa por não estar ao lado de seus filhos, poder lhes dar uma boa educação. A necessidade de trabalhar desde cedo está na fala dos entrevistados, quando falam que por causa da pobreza a qual vivia sua família, tinha que trabalhar para poder ajudar nas despesas de casa. Porém, esse tipo de iniciativa da mulher não era visto com bons olhos pela sociedade, isso por que a mulher deveria estar sempre se preparando para ser esposa e mãe, se submeter às regras do mercado de trabalho poderia lhe distanciar dessas funções essenciais.

Segundo Margareth Rago, a saída da mulher para o mercado de trabalho sempre foi vista como um risco ao equilíbrio familiar, além do risco de perderem o desejo pelo casamento e pela maternidade.

(...) o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento (...)⁴³.

Essa forma de pensar está associada ao desejo de manter a mulher no ambiente privado de sua casa, exercendo as funções que a sociedade lhe delegou. O fato de a mulher estar fora do ambiente familiar, constituiria numa fragilidade da estabilidade e equilíbrio da família, principalmente quando o assunto é atuação profissional. Mas, o fato de a mulher estar inserida no mercado de trabalho e ser seduzida pelas mudanças do mundo moderno, a faria deixar de ser mulher? Os papéis desempenhados pela mulher tanto na sua casa e família, quanto no mercado de trabalho já dão uma dimensão para a resposta desta questão. Sua força de vontade e percepção aguçada para buscar recursos que lhe possibilite suprir suas necessidades lhe ajuda a vencer barreiras para poder cuidar de sua prole. Porém, ainda está presente em nossa sociedade a ideia de que a mulher não poderia deixar a família para trabalhar fora, pois isso acarretaria numa grande perda para a estrutura familiar, que se constituiria num destino afetivo, onde se cria uma rede de contatos e de dependência mais estreitos. Porém, esse tipo de análise seria para justificar a posição da mulher na sociedade em relação ao seu papel e espaço ocupado dentro dela.

Nossa sociedade vê a mulher a partir de suas funções biológicas que a condiciona a se ocupar principalmente dos afazeres domésticos e cuidado como os

⁴³ RAGO, Margareth. Op.Cit. p. 585.

filhos, definindo como secundárias e complementares as atividades na esfera produtiva. Na grande maioria dos casos, as mulheres casadas, quando não abandonam o trabalho em função do matrimônio, são obrigadas a trabalhar dentro e fora de casa. No caso das trabalhadoras de fumo em Catu, seus relatos lembram que, naquele período, eram solteiras e que suas mães tinham que trabalhar para criar seus filhos e elas, com seu trabalho, ajudavam nas despesas, desempenhando funções dentro e fora de casa. O fato de terem de trabalhar cedo não pareceu ser motivo de frustração, quando falam acerca da luta de suas mães em suprir as necessidades básicas da família, o peso do trabalho era compensado em ver sua família ter com que sobreviver.

A mulher, apesar de ser colocada num plano secundário no mercado de trabalho, vem demonstrando que seu lugar além da casa é também o espaço público, onde pode explorar sua mão-de-obra que não se resume unicamente aos serviços domésticos como se quer estabelecer nossa sociedade, cuja cultura masculinizada está sendo seduzida e conquistada.

Desta maneira, esse capítulo se propõe a dar início a uma discussão acerca da constituição do trabalho feminino na cultura fumageira em Catu, onde o processo de dominação e exploração é marcado pelas relações cotidianas entre homens e mulheres, observando as relações familiares, as relações de proximidade, os momentos para diversão que são substituídos pelos afazeres domésticos, sendo reduzido o tempo livre ou tempo pessoal. Busca ainda sinalizar formas de resistência dessas mulheres dentro do mundo do trabalho, que silenciadas ou não, fazem desse espaço um meio de superação, construindo dessa forma sua história de vida e de luta.

4. O COTIDIANO NA CULTURA FUMAGEIRA

[...] O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha)... O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase sempre retirados às vezes velados... É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos, dos prazeres...⁴⁴

O cotidiano é a essência da substância social, é a vida do indivíduo em sua amplitude. Em seu cotidiano o indivíduo percorre caminhos, cujo espaço apresenta suas peculiaridades, onde estão imbricados os costumes, valores e hábitos que compõem o espaço físico e social dos indivíduos, por isso mesmo sempre foi visto com desconfiança pela historiografia tradicional por não fazer parte do rol dos grandes feitos, nem da história dos grandes homens.

A historiografia tradicional se ocupou da história factualista, centrada nas ideias dos grandes homens e seus feitos. O cotidiano era considerado relatos simples de pessoas comuns, cujas ações eram vistas como particulares, inconsistentes e imprevisíveis. Com a História Social surgiu uma nova concepção de história; foram introduzidos novos temas; lançou-se um novo olhar sobre velhos temas, alargando assim o universo do historiador que encontrou novas possibilidades de pesquisar as experiências dos sujeitos em seu cotidiano. O estudo do cotidiano deu ênfase às ações desenvolvidas entre grupos socialmente envolvidos em acontecimentos individuais e coletivos, seja no trabalho, na rua ou na própria vida social. Para Michel de Certeau, essas ações que ocorrem no âmbito global ou particular do cotidiano se manifestam através das várias estratégias de sobrevivência, táticas, resistências e criatividade, desenvolvidas para poder manipular aquilo que está estabelecido.

Mil maneiras de *jogar/desfazer* o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. [...] Nessas estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de

⁴⁴ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996, p.31. Apud. GOMES, Margarete Nunes Santos. *Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010.

espaço opressor⁴⁵.

Para Certeau, o cotidiano é feito e refeito sutilmente por grupos que busca se adaptar às situações impostas pelo poder estabelecido de forma a poder manipulá-lo, transformando, assim, seu cotidiano em algo contínuo, dinâmico e peculiar. Segundo Ecléa Bosi, “os feitos abstratos, as palavras dos homens importantes só se revestem de significado [...] quando traduzidos por alguma grandeza na vida cotidiana⁴⁶”, isso por que o abstrato, o discurso, só ganha sentido no cotidiano, na vida privada quando se torna palpável, visível entre os grupos que o vivenciam. No ambiente privado, mais especificamente no ambiente familiar, as atividades ligadas à manutenção dos laços sociais, o trabalho doméstico e às práticas do consumo, segundo Del Priori, se manifestam de forma a refletir em todos os demais setores da sociedade, setores esse como o trabalho e o convívio social, pois.

“Graças ao estudo da cultura material privada e cotidiana, reencontramos as relações sociais e os modos de produção que não podemos perceber com outras abordagens. Partindo daí, podemos investigar a vida das trabalhadoras, o dia-a-dia das famílias de classe média, as circunstâncias próprias à vida das mulheres [...]”⁴⁷.

O estudo da vida cotidiana e as relações ocorridas entre os grupos sociais dão margem à investigações mais precisas do dia-a-dia de pessoas comuns, principalmente de trabalhadores que estão em suas ações sempre criando situações que se adequem às necessidades básicas para o desempenho de suas atividades. Sob a perspectiva do estudo do cotidiano também no âmbito do trabalho é que fez surgir entre outras questões, a mulher trabalhadora como ser social e modificador de sua história, seja no cotidiano de seu trabalho, seja no dia-a-dia de sua casa. Conhecer o cotidiano, os locais de trabalho e as relações das mulheres fumageiras com seus patrões, colegas de trabalho e suas famílias, é compreender a realidade que movimentava a sua volta.

Dessa forma, esse capítulo traz situações acerca do cotidiano das mulheres da cultura do fumo em Catu, buscando refletir acerca da dinâmica do trabalho com o

⁴⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 74.

⁴⁶ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 74.

⁴⁷ DEL PRIORE, Mary. *História do Cotidiano e da Vida Privada*. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 267.

fumo dentro dos armazéns e em casa, a problemática das questões da saúde da trabalhadora nesses ambientes, as relações de poder no âmbito do trabalho entre trabalhadoras e os mestres responsáveis pela produção e organização do trabalho. Esse capítulo pretende ainda iluminar rostos de mulheres que até hoje estiveram esquecidos em sua própria história, utilizando para isso a riqueza dos detalhes das entrevistas por elas concedidas.

4.1 O cotidiano do manuseio com o fumo

O cotidiano das trabalhadoras no manuseio com o fumo ocorria em galpões chamados de armazéns de fumo, localizados nas imediações do comércio, assim como em suas casas, realizando as mesmas funções. As condições de trabalho eram muito precárias, não tinha bancos para sentar, quase sempre as mulheres sentavam no chão ou em papelões. Dentro dos armazéns havia uma divisão organizacional de funções como de escolhedeira (separava as folhas boas das ruins e destalavam), passadeira (olhava todas as folhas que tinham vindo das escolhedeiras). Após esse processo a passadeira entregava as folhas aos homens que levava para a prensa, faziam os fardos e levavam para os caminhões que transportava para vender em outras cidades como Salvador.

Todo esse trabalho era coordenado e fiscalizado pelos “mestres”, uma das funções mais importantes depois do gerente do armazém. Os “mestres” estavam sempre em contato com os trabalhadores e com o gerente. Tudo que ocorria dentro dos armazéns era de responsabilidade do “mestre”, desde a contratação a todo o processo de beneficiamento e transporte do fumo. Durante as entrevistas foram sendo lembrados nomes como Mestre Zinho, Mestre João Lampião e Mestre Neném que comandavam os serviços dos armazéns em Catu. Aos gerentes como o senhor Antonio de Deus Seixas, Oscar Pereira de Souza, Vicente Paulo de Medeiros e Antonio Batista Luciano, cabia a administração do armazém que ia desde a compra das folhas do fumo até a venda dos fardos em outras cidades. Todas essas pessoas citadas são falecidas, mas estão perpetuadas na lembrança daqueles com quem conviveram.

Tanto os trabalhadores como os mestres chegavam aos armazéns às 7 horas e encerravam o serviço às 17 horas. O serviço começava às 7 da manhã, parava para almoçar, voltava às 13 horas e terminava o serviço às 17 horas. Boa

parte dos trabalhadores morava na zona rural e por isso levavam seu almoço como lembra dona Maria Regina: “a gente parava pra almoçar, a gente mesmo levava comida por que era muito longe, não ia almoçar em casa...⁴⁸”, tendo que almoçar onde fosse possível. O ritmo acelerado e as condições precárias do ambiente de trabalho era um constante problema para a saúde das trabalhadoras, muitas ao retornar do almoço ao abrir as portas do armazém passavam mal por causa do cheiro forte do fumo, outras como Dona Maria Regina apresentou problemas de intoxicação das vistas causada pelo constante contato com o fumo “Uma vez o médico me disse que eu estava intoxicada até as vistas da nicotina do fumo”. Segundo Eleonora Oliveira, quando se começava a falar acerca dos cuidados da saúde do trabalhador, tanto da mulher como do homem, a necessidade de sobrevivência os obrigava a desconsiderar os apelos do corpo quando o assunto era saúde com o intuito de manter o trabalho.

A necessidade da subsistência e a manutenção do emprego “a qualquer custo” nos informa que a relação entre saúde e trabalho nasce em uma relação na qual as condições de saúde do trabalhador eram absolutamente penosas, sem garantias e sem ações preventivas; o corpo do trabalhador docilizado e submetido a qualquer condição para manter o emprego. O trabalho feminino, [...], era marcado por um valor mais baixo e pela dupla jornada de trabalho das mulheres. Nesse momento [...] não se falava em doença. Ao se falar em doença estava posto o desemprego.⁴⁹

A necessidade de manter o trabalho para garantir a sobrevivência pessoal e da família, obrigam muitos trabalhadores a desconsiderar os apelos do corpo. O fato de buscar maneiras de cuidar de si poderia ser motivo da perda do serviço, isso por que quase sempre as doenças não eram vinculadas ao esforço do trabalho. Esse cenário se apresentava também nos armazéns de fumo, pois se evitava falar em doença e quando se adoecia raramente esta era associada ao trabalho, como afirma Dona Valdenice: “Ninguém tinha noção dessa ou daquela doença, não minha fia, as mulheres estavam doentes e estavam trabalhando do mesmo jeito...⁵⁰”. Como deixa explícito Dona Nicinha, assim como a maioria dos entrevistados, os problemas de saúde que se apresentava, além de não fazerem parte do trabalho era algo que não se poderia evitar, portanto teria que continuar seus afazeres.

O problema de saúde das trabalhadoras também estava associado ao ritmo

⁴⁸ Dona Maria Regina, 76 anos. Entrevista já citada.

⁴⁹ OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. Op. Cit., p. 58.

⁵⁰ Valdenice Nascimento Oliveira, 69 anos. Entrevistada já citada.

acelerado do trabalho, pois cada trabalhadora tinha de dar conta de sua produção. Elas tinham que seguir um ritmo de trabalho rigoroso com horário de começar e terminar o serviço nos armazéns. O ganho diário era uma característica do tipo de serviço desempenhado, pois as trabalhadoras ganhavam pelos dias trabalhados e pela produção, além de que para aumentar a renda levavam sacas de fumo para casa, dando continuidade ao trabalho desenvolvido nos armazéns, sendo que desta vez era a domicílio. Segundo Elizabete Silva, mesmo o manuseio do fumo sendo fora das instalações dos armazéns às trabalhadoras tinham um prazo para entrega.

O trabalho domiciliar é conhecido como aquele realizado no domicílio da/do trabalhadora/trabalhador, por encomenda de uma empresa que estipula uma tarefa a ser cumprida num determinado período, seja por dia ou por semana, determinando também o valor da produção. [...] Deve-se observar, no entanto, que esta iniciativa das mulheres não foi uma questão de liberdade de escolha, mas esteve associada a um contexto socioeconômico específico (da cultura fumageira) que figurou no interior do sistema capitalista⁵¹.

O contexto socioeconômico ao qual Elizabete se refere esta diretamente ligado a todo o processo de produção do fumo realizado tanto nos armazéns como nas casas, isso se dava por que quase sempre o que se ganhava nos armazéns não era suficiente para suprir as necessidades das trabalhadoras e sua família, era preciso complementar a renda da família. Com as fumageiras dos armazéns de Catu, o cenário se repetia, pois a população envolvida com o manuseio do fumo apresentava uma pobreza acentuada; por isso, além de trabalharem nos armazéns tinham que levar as folhas de fumo para casa para poder complementar a renda da família. Nesse processo de trabalhar com a produção do fumo nos armazéns e em casa, o tempo de descanso e lazer era escasso.

Durante todas as entrevistas não é citado como se dava o ritmo do trabalho nos armazéns ou em casa, mas pela necessidade que se tinha de trabalhar, pode-se perceber que havia um ritmo acelerado de produção principalmente, quando deixam explícito o curto tempo que se tinha entre o almoço e o retorno ao trabalho. O ritmo acelerado do trabalho seria uma característica do mundo capitalista introduzida no cotidiano dos indivíduos, produzindo a ideia de que o tempo fundamental é aquele dedicado ao trabalho e à produção, o tempo para dedicar-se à família e ao lazer estaria em segundo plano. Para Edward P. Thompson, todo tempo disponível deve ser

⁵¹ SILVA, Elizabete Rodrigues da. As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo baiano. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2011, p. 200.

dedicado ao trabalho evitando assim seu desperdício.

[...] as relações sociais e o trabalho são misturados [...]. O empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta⁵².

O tempo dessa maneira passa a ter valor de moeda, por isso toda ação que não tiver esse fim seria desconsiderada. Essa forma de conceber o tempo e seu uso trouxe para a vida cotidiana da trabalhadora a pressa, a aceleração e a inconstância tanto profissional como pessoal. A constante necessidade exigida pelo mercado de trabalho da pressa, aceleração, agilidade e perfeição no desenvolvimento das atividades, em nosso caso, os trabalhos com a folha do fumo no Recôncavo norte baiano, tinha a presença marcante de um grupo específico de trabalhadores, a mulher.

A mão-de-obra feminina nesse setor era marcante pelo fato de ser uma atividade que exigia delicadeza e habilidade das mãos ao manusear as folhas do fumo. Nesse caso, as mãos eram importantes instrumentos de trabalho, pois por causa da fragilidade das folhas de fumo, era necessário que se manuseasse com delicadeza, ação essa vista como específico da mulher. Outro aspecto que teria influenciado na escolha da mulher no trabalho com o fumo no Recôncavo fumageiro foi o fato de as folhas do fumo ser manuseadas nas coxas das mulatas. Esse detalhe foi difundido mais no Recôncavo de produção do charuto, mas se propagou em áreas que trabalhava com as folhas do fumo para exportação.

A presença da mulher no trabalho com o fumo em Catu, não se ocupava com a produção de charutos, mas com o manuseio com as folhas do fumo que seriam exportadas, por isso não havia entre as trabalhadoras a ideia de erotização de seu trabalho. A presença maciça da mão-de-obra feminina nesse setor era muito valorizada pela difusão de que apenas as mulheres dariam àquele produto os cuidados exigidos, pois por serem vistas com delicadas, frágeis e sensíveis as mulheres poderiam dá ao produto os cuidados necessários para manter o padrão de qualidade exigido pelo mercado. Outro fator que teria marcado essa escolha seria a capacidade que as mulheres têm de tudo aceitar sem muitas reivindicações, isso por

⁵² THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 272. Apud. GOMES, Margarete Nunes Santos. *Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010. p. 70.

que o dinheiro que ganhariam com o trabalho poderia lhe dar certa independência no sentido de poderem gerir suas próprias despesas, mesmo que não fossem muito grandes, como declara Dona Valdenice: “o dinheiro do fumo só dava pra comer mesmo, e mal [...]”⁵³.

Dentro desse contexto, torna-se quase imperceptível para essas mulheres a ideia de estarem sendo exploradas. O trabalho nos armazéns era uma das poucas alternativas de atividade remunerada existente para aquelas trabalhadoras, por isso conseguir uma vaga a cada safra de fumo era a garantia de uma renda para a família durante aquele período. Outro ponto importante era a forma de pagamento que em sua maioria, tanto para homens como mulheres eram diaristas, ou seja, ganhavam pela produção do dia. Por isso em muitos casos se levava o fumo para casa, aumentando assim a produção e sua renda.

Durante as entrevistas, por mais que a entrevistadora enfocasse a questão da exploração do trabalho por parte do mestre e do gerente, em nenhuma das falas aparecem queixas ou reclamações acerca da atitude de seus chefes. O que ficou explícito durante as entrevistas é que o medo de perder o trabalho e ao mesmo tempo o respeito por aqueles que estavam à frente do serviço, eram mais fortes naquele período. Para Foucault, “cada momento na história a dominação se fixa a um ritual, ela impõe obrigações e direitos, ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até no corpo”⁵⁴, porém de forma silenciosa, muitas vezes quase imperceptível.

A dominação muitas vezes ganha corpo por causa da aceitação do outro que levado pelas precárias condições vividas, se submete a situações que muitas vezes em nada melhoram sua trajetória, como é o caso relatado por Dona Maria Regina que morava na zona rural e por causa das dificuldades e da distância, tiveram ela e sua família que se mudar para a cidade “Depois que agente saiu do Bom Viver (Fazenda Bom Viver), agente foi parar na Ladeira de Pedra (próximo ao comércio), [...]”⁵⁵ Dona Maria Regina lembra esse fato demonstrando durante a entrevista grande insatisfação, pois nessa época nesse local moravam “as mulhierias” nome dado por

⁵³ Valdenice Nascimento Oliveira, 69 anos. Entrevistada já citada.

⁵⁴ FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.20. Apud. GOMES, Margarete Nunes Santos. Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980). (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010. p. 70.

⁵⁵ Dona Maria Regina, 76 anos. Entrevista já citada.

ela as profissionais do sexo. Para Dona Maria Regina, não fosse a necessidade de sobreviver, coisa que no trabalho do campo estava cada vez mais difícil, ela e sua família, não teriam saído do campo para morar na cidade. Essa seria também uma forma de dominação sobre o outro, quando famílias são obrigadas, pela situação financeira difícil, a se deslocarem do campo para a cidade, realidade essa para muitos completamente nova.

Um ponto interessante surgido durante as entrevistas foram às comparações feitas entre as situações vividas no passado e as do presente como uma necessidade de valorizar o que passou o que foi feito em comparação com o que se está vivendo, pois muitas falas deixam transparecer certo contentamento com o que recordam. Essa forma de ver o passado seria uma experiência de releitura do vivido pela impossibilidade de vivê-lo tal e qual e uma das formas de fazê-lo seria recordar, lembrar suas experiências. A entrevista seria uma das maneiras em que tanto o entrevistado quanto o pesquisador poderia entrar em contato com tais recordação: para o entrevistado seria uma maneira de lembrar o que foi vivido e ao pesquisador uma oportunidade de conhecer, investigar e traçar um perfil daqueles que viveram um passado tão peculiar.

4.2 Mulheres fumageiras: quem são?

A mulher do Recôncavo Fumageiro, como de todo o Recôncavo baiano, herdou dos europeus, africanos e ameríndios, seus costumes, tradições e cultura, porém as maiores influências, segundo Elizabete Silva, ficou por parte dos cativos e indígenas, constituindo assim a população dessa região.

A composição do quadro social e cultural da população fumageira, na primeira metade do século XX, é herdeira da mais ampla e histórica formação social do Recôncavo baiano, onde ameríndios, africanos e europeus se encontraram [...] Contudo, apesar da participação dos europeus, em particular dos portugueses, considera-se muito maior a presença de traços étnicos e culturais dos indígenas, mas, sobretudo dos africanos [...]⁵⁶.

Segundo Silva a presença mais expressiva dos indígenas e africanos no interior do estado teria definido a formação étnica e cultural das trabalhadoras e trabalhadores fumageiros. Essa região, por ter se tornado um espaço de constante

⁵⁶ SILVA, Elizabete Rodrigues da. As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo baiano. Op. Cit., p. 94

comercialização de diversos tipos de produtos e ter uma variação populacional grande, teria facilitado uma complexa formação étnica, cultural e social específica que, mesmo não tendo sido estática, colaborou na definição, com certa singularidade, das características físicas, sociais e culturais de sua população, manifestadas no cotidiano dos grupos sociais a que pertencem. Grupos sociais esses aos quais as mulheres fumageiras de Catu fazem parte, com sua história de vida e seu cotidiano, onde buscam dar conta da difícil tarefa de ser mulher, trabalhadora e em muitos casos mãe.

Com o intuito de adentrar o cotidiano dessa camada da população fumageira, quais sejam as mulheres fumageiras de Catu, buscou-se traçar um breve perfil de algumas delas, tarefa nada fácil, pois não se trata de apenas levantar dados objetivos de suas características físicas e sim de ir à busca de vê-las a partir de suas histórias de vida dentro e fora dos armazéns de fumo, cujas histórias de vida se confundem. Vale ressaltar que aqui não se pretende a princípio apresentar a miúdo a história de vida dessas mulheres, mas apresentá-las de forma que se possa identificá-las dentro do contexto vivido. Para tanto, usaremos fragmentos das entrevistas das mulheres que até aqui fizeram parte desse trabalho, com o intuito de tentar uma possível identificação do tipo social que deu significado ao cotidiano fabril do Recôncavo Fumageiro.

São mulheres que trabalharam no campo nos cuidados com o fumo, nos armazéns e em suas próprias casas com o manuseio das folhas desse produto, cujo destino as fizeram fontes de pesquisa. Utilizando seus registros, buscaremos traçar um breve perfil das trabalhadoras da cultura do fumo em Catu. Porém, não se pretende aqui esgotar todas as possibilidades de conhecer o perfil dessas mulheres, isso por que os trabalhos com esse tema no município de Catu estão apenas começando. O objetivo dessa pesquisa é registrar os relatos de Dona Margarida, Dona Valdenice, Dona Maria Regina e Dona Maria Rita, pessoas que trabalharam com a cultura do fumo, com o intuito de incitar reflexões futuras acerca de seu cotidiano, seus valores e modos de vida. Faz-se importante com isso, como afirma Ecléa Bosi, “registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós⁵⁷”.

⁵⁷ BOSI, Ecléa. Op. Cit., p. 37.

IMAGEM 1: Foto de D. Margarida



Margarida marques Seixas

Margarida Marques Seixas nasceu em 1937, na Fazenda Estanque no município de Catu. Começou a trabalhar com seu pai de criação no campo na plantação de fumo, mandioca, entre outros aos sete anos. Ela trabalhava tanto na plantação de sua família que plantava meia tarefa e às vezes uma tarefa, como na safra da Fazenda Jatobá do senhor Maurício Ramos como meeiro. Seu trabalho ia desde a preparação do terreno para o plantio, limpeza das plantas, colheita, secagem até fazer manocas. Serviço esse que geralmente começava no mês de maio indo até setembro, quando começava os primeiros cortes e se levava as folhas para a seva que era feita de tiras de bambu, para secar. Após a secagem faziam-se manocas e os fardos para poder vender em outras cidades, que Dona Margarida não lembra quais eram. Fala ainda da nódoa produzida pelo fumo que grudava nas mãos e na roupa, segundo ela aquela nódoa dava maior peso e qualidade ao fumo. Todo esse processo encerrava em dezembro quando se colhia as sementes e eram guardadas para a próxima plantação. Outro tipo de plantio que sempre esteve atrelada ao cultivo do fumo foi a mandioca. Ela era plantada entre julho e agosto, depois que já se havia feito a primeira limpa dos pés de fumo. A farinha de mandioca era produzida próximo à plantação de fumo e servia tanto para consumo como para vender.

Segundo Dona Margarida, um dos períodos de que mais gostava era os dias de “amarração de fumo” na fazenda do senhor Maurício Ramos, eram dias de grandes noitadas e “aquilo ali pra gente era uma festa, era época que agente comia bastante arroz doce, bastante muncunzá [...], era muito gostoso e era só em noite de lua cheia. Agente cantava cirandinha, tinha uma tal de uma modinha é, que era pra ver quem era que sabia mais, aquele negócio de uns versozinhos assim, e agente ficava lutando quando ouvia um verso que era pra decorar pra agente saber... Isso era

muito gostoso!”. Ela fala daqueles momentos com muita satisfação, principalmente ao lembrar os versos e modinhas cantadas.

Outro aspecto importante da fala de Dona Margarida é o sentimento de gratidão que ela tem pelo senhor Maurício ela diz: “Maurício foi pra me uma pessoa extraordinária, um pai”. Não aparece em sua fala nenhum sentimento de ter sido explorada ou injustiçada pelo mesmo, ao contrário o sentimento de gratidão era explícito. Para Dona Margarida o fumo empregou muita gente e era um negócio rentável, pois quando tinha 16 anos fez 25 arrobas de fumo que o dinheiro que ganhou foi tanto que passou um ano pra gastar, “era dinheiro imediato, era dinheiro na mão, entendeu!”.

Por motivos particulares Dona Margarida e sua família tiveram que sair da Fazenda Estanque e morar na zona urbana, onde se casou com o senhor Osvaldo, conhecido como Osvaldo da Coelba (funcionário aposentado da Empresa de baiana de energia).

As atividades de D. Margarida se davam tanto na propriedade de sua família como na fazenda do senhor Maurício Ramos numa constante luta pela sobrevivência. Apesar das dificuldades vividas nesse período ela mostrou ser um exemplo de mulher trabalhadora que soube se fazer presente no meio social daquela época, fosse em seu âmbito familiar ou fora dele.

IMAGEM 2: Valdenice Nascimento Oliveira.



Fonte: Foto cedida por D. Valdenice Nascimento Oliveira.

Nessa foto tinha 22 quando já não trabalhava mais no armazém de fumo.

Valdenice Nascimento Oliveira nasceu em 1938 no município de Alagoinhas-Ba, vizinho do município de Catu. D. Valdenice, conhecida como Nicinha, começou a trabalhar no armazém de fumo aos 12 anos como escolhedeira, porém desde pequena já freqüentava os armazéns de Alagoinhas com sua mãe cujo nome fez

questão de falar “minha mãe se chamava Maria Trindade Nascimento”. Quando foi morar em Catu na Coreia, rua próxima do Comércio, sua mãe também a levava. Com isso foi aprendendo o ofício de fumageira, quando completou 12 anos mesmo contra a vontade de sua mãe, foi trabalhar no mesmo armazém que ela, para poder ajudá-la financeiramente. Sua mãe trabalhou de carteira assinada, mas ela por ser de menor não teve sua carteira assinada. Aos 16 anos foi forçada por sua mãe a parar de trabalhar, tinha que ficar em casa aprendendo algumas prendas domésticas e a arte de bordar e cozer, ofício que lhe rendeu algum dinheiro. Quando não estava trabalhando nos armazéns, a mãe de D. Valdenice lavava de ganho, trabalho que só ela fazia, “minha mãe não queria que eu lavasse roupa de ninguém”. “Lavar de ganho” foi uma atividade que se intensificou, pois segundo D. Valdenice com a chegada da Petrobrás para Catu na década de 1955, muitos homens teriam deixado o trabalho nos armazéns de fumo para trabalhar na referida empresa.

D. Valdenice não participava das festas de aniversário, nem de casamento que acontecia, pois segundo ela foi criada muito “presa, minha mãe não deixava sair”. Naquele período, segundo ela, as moças de família não podiam participar de eventos sociais para “não ficarem faladas”, tinham de se preservar.

Casou-se com o senhor André em 1961 aos 23 anos, onde constituiu uma família grande. Catu nessa época era um município em que tinha um espaço urbano de poucas casas espessas e seu comércio localizado disputava espaço com residências. “Descendo o Pedro Ribeiro (Colégio Estadual) só tinha mesmo a casa de... de seu Vicente (Vicente Paulo de Medeiros) e finado Gabriel. O restante era tudo terreno baldio, tudo mato...”⁵⁸ Na época em que ela trabalhava nos armazéns muitas pessoas que trabalhavam com ela e sua mãe, participavam dos micaretas formado pelo senhor Arlindão, mas segundo ela, não participavam de blocos, brincavam separados.

IMAGEM 3: Foto de D. Maria Regina



⁵⁸

Ver figura 6.

Fonte: Carteira de Trabalho em 1955 ano em que trabalhou no armazém de fumo.

Maria Regina Nunes nasceu em 1931 na Fazenda Bom Viver pertencente ao município de Catu. Trabalhou no armazém Kueng & Co. Agência de Catu que mais tarde veio a se chamar Exportadora Eichenberger, LTDA, no período de 1955 a 1959, 1961 a 1962 e por último de 1963 a 1964.

Começou a trabalhar nos armazéns de fumo com 24 anos. Vinha ela e sua família da Fazenda Bom Viver para trabalhar nos armazéns, às 7 horas da manhã já estavam aguardando o serviço. Sua família era muito pobre, por isso, segundo Dona Maria Regina, tinham que levar 20 kg de fumo para casa para poder completar a renda. Ela começou a trabalhar como escolhedeira, onde separava as folhas de boa qualidade das de qualidade inferior, depois seu chefe lhe promoveu ao cargo de fiscal, onde tinha que realizar o serviço final que era repassar todas as folhas que vinha das operárias. Fala ainda do cheiro do fumo que era muito forte lhe causando com o tempo uma inflamação nas vistas. Quando não estava trabalhando nos armazéns de fumo, Dona Maria Regina plantava capim na fazenda onde morava.

Depois de certo tempo (não lembra quando) foi morar na Ladeira de Pedra com sua família, localidade urbana próxima ao Centro de Catu. Local onde não tinha muitas casas, boa parte era mato. Com essa mudança, segundo ela, teria melhorado bastante, pois ficava mais perto do armazém de fumo. Como a Ladeira de Pedra era conhecida como a “Ladeira do Brega” onde moravam as “mulherias”, Dona Maria Regina se mudou para o Bairro Barão de Camaçari, conhecido como Ramela de onde também saía para trabalhar nos armazéns. Participou das festas de São João, Micareta, onde segundo ela “[...] não tinha aquele negócio de muita bebida, passava o tempo brincando [...]”.

Outra questão importante na fala de D. Maria Regina é o fato de expressar o desejo de deixar registrado nomes de pessoas que já trabalharam nos armazéns de fumo como sua prima Marinha, sua irmã Zilda, mãezinha...

Como mulher forte que era D. Maria Regina após o trabalho nos armazéns de fumo trabalhou também na Ferbasa – Cia de Ferro Ligas da Bahia – como servente, depois trabalhou na Fundação José Carvalho – escola técnica localizada no município de Pojuca-Ba.

IMAGEM 04: Foto de Dona Maria Rita Pereira da Silva.



Fonte: Acervo pessoal de dona Maria Rita.

Maria Rita Pereira da Silva nasceu em 1956, na Fazenda Jatobá de propriedade de seu pai Maurício Ramos. Dona Maria Rita, nunca trabalhou nos armazéns de fumo de seu pai, mas quando o pai precisava mesmo tendo trabalhadores, toda a família colaborava, principalmente na época de plantio da colheita do fumo. “Nunca trabalhei em armazém de fumo. Na época, na fazenda de meu pai, dos meus oito aos 18 anos, a família reunida, sempre um ajudava o outro.” Dona Maria Rita faz questão de registrar o nome de alguns trabalhadores como Isabel Cerqueira, Mautide, Honorato Cerqueira e Fernando Cerqueira. Alguns moravam nos arredores da fazenda, outros vinham trabalhar de meeiros, onde seu pai dava a terra pronta para depois dividir.

Essas pessoas trabalhavam com a plantação de mandioca, feijão,... e com o fumo. Na época, chamava de armazém, por que colhia da roça e armazenava ali, dali ia fazer aquele processo de fazer as manocas, que aquilo amarrava o fumo, ai enfardava. Dona Maria Rita nunca trabalhou nem na plantação, nem no beneficiamento do fumo, mas sempre esteve presente como telespectadora de todo aquele processo, onde tudo registrava.

O relato detalhado que ela faz acerca de todo o processo pelo qual passa o fumo, não é o mesmo daqueles que participaram do processo diretamente, mas se dá a partir de outro ângulo, qual seja, daquele que tudo observa e registra. Isso fica perceptível a partir das descrições que vai desde o preparo da terra, o plantio, o manuseio desse produto nos armazéns, fazendo inferência acerca do cheiro forte do fumo até o seu enfardamento.

As lembranças resgatadas por Dona Maria Rita são apresentadas por um viés daquele que detém o poder, no caso seu pai, por isso suas lembranças se dão com muita dedicação cujo intuito é o de demonstrar que todos aqueles que trabalharam para seu pai, sempre foram muito bem assistidos e ajudados de várias formas.

No final de sua fala ela admite ter colaborado da “maneira que podia”, pois

mesmo sendo ainda criança, não viu como uma exploração de seu trabalho, “antigamente as crianças começavam a trabalhar com 5 anos, não tinha vagabundo, não tinha marginal e outra coisa nós ajudamos naquela época, tenho muito orgulho, sou feliz por isso. Isso não impediu que eu estudasse que me formasse...”

No ano de 1973, foram morar, ela e sua família, na zona urbana de Catu, pois seu pai iniciou uma nova atividade, deixando para trás as atividades com o fumo e a pecuária. D. Maria Rita, após depois passou a lecionar, atividade que ainda exerce até os dias atuais.

Adentrar o mundo da cultura do fumo através do cotidiano de trabalhadores da cultura do fumo, em especial as trabalhadoras fumageiras, não é tarefa fácil. Mesmo sabendo do grande desafio, esse capítulo pretendeu trazer alguns elementos do cotidiano e um breve perfil dessas trabalhadoras com o intuito de buscar reflexões futuras que possam contribuir com as análises aqui apresentadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O Recôncavo baiano, mais especificamente o Recôncavo Fumageiro, durante a primeira metade do século XX e início da segunda, desenvolveu uma intensa atividade econômica de exportação de fumo. Muitos proprietários de terras e de empresas de beneficiamento do fumo exploraram a mão-de-obra de trabalhadores, em especial das trabalhadoras, envolvidos com o trabalho desta matéria-prima. A camada da população envolvida nesse tipo de produção desenvolveu uma fisionomia social peculiar a essa atividade, com seus valores e costumes expressos em seu cotidiano. A pesquisa que aqui se desenvolveu, buscou apresentar, a partir de entrevistas, um pouco desse cotidiano e modos de vida dos trabalhadores, em especial das trabalhadoras, do município de Catu localizado ao Norte do Recôncavo fumageiro. As entrevistas aqui apresentadas por homens e mulheres que trabalharam no campo ou na cidade, dão o sinal para o desenvolvimento desse trabalho.

Tomando as entrevistas como ponto de partida, foi possível adentrar um espaço conhecido quase que exclusivamente pelos entrevistados e até então pouco explorado. Esse espaço foi palco das relações sociais de amizade e conflitos entre os colegas de trabalho e de submissão e resistência na relação com seus chefes.

As relações ocorridas dentro do ambiente de trabalho com o fumo, aqui discutidas, nos mostram situações de superação e de submissão. Superação no sentido de fazer de seu trabalho, cuja mão-de-obra feminina é expressiva, uma forma de poder, adentrando o mundo dos homens e com isso se fazer presente no meio social; e submissão por está sujeita às leis masculinas que as limitam às atividades que não ponham em risco sua integridade física, pois são vistas historicamente como frágeis e delicadas.

Tendo em vista essas concepções, procurou-se aqui apresentar a mulher em seu trabalho não só no âmbito da exploração, mas priorizar as formas de superação e autovalorização, presente em seu cotidiano. Pois, além de ser mulher, dona de casa, mãe e esposa, também eram trabalhadoras que souberam de várias formas, superar as dificuldades apresentadas em seu dia-a-dia.

Ao desenvolver esse trabalho utilizando entrevistas concedidas por pessoas que estiveram presente no processo de cultivo e beneficiamento do fumo, não se pretendeu defender uma verdade única e total, até por que essa não é a tarefa do historiador, mas apresentar os relatos dos trabalhadores e trabalhadoras, onde cada

um fala de suas próprias experiências adquiridas no passado cujas marcas também fazem parte do presente que podem chegar às novas gerações. Sob a perspectiva de melhor entender as experiências das mulheres fumageiras, tentou-se traçar um breve perfil do cotidiano de trabalhadoras como Dona Margarida, Maria Regina, Valdenice e Maria Rita. Porém, se faz importante nesse momento ressaltar que não se pretendeu aqui encerrar as reflexões acerca desse cotidiano e sim aguçar ainda mais novas discussões.

Dessa maneira, esse trabalho traz, através das entrevistas, as lembranças de mulheres que dedicaram uma parte de suas vidas ao trabalho com a cultura do fumo, constituindo nesse espaço um cotidiano de luta e de superação. Tomando como referência a distância de quem viveu e quem escutou a narração do vivido é que se encontram as limitações dessa pesquisa, pois a pretensão do historiador não deve ser de buscar a verdade e sim de trazer para discussões e reflexões questões vividas. As limitações da investida até aqui empreendida podem ser entendidas a partir dos intervalos provocados à História quando esta se questiona sobre as suas próprias concepções antes tão “seguras”. O discurso que se quer acadêmico, mas que, por vezes, se funde e se confunde ao objeto descrito, esteve sempre na base de uma tradição epistemológica que ao pretender disciplinar este discurso, acabou por relegar a um lugar a - históricos sujeitos dotados e construtores de história.

Face ao discurso acadêmico pretendido de antes, e somente em face deste, no compasso de entre - lugar da necessidade de novas concepções “igualmente seguras”, os historiadores desenvolveram estratégias capazes de pôr em cena os novos objetos em formatos discursivos frontalmente alternativos às tendências que se vão. O cotidiano de uma junta de trabalhadoras ligadas ao labor fumageiro, num rincão situado ao Norte do Recôncavo entre os anos de 1955 e 1965, é posto em xeque por uma pesquisadora embriagada desta tendência historiográfica, digamos, alternativa. As mulheres que se depreende do discurso daquela que as descreve, descrevem também uma mulher confundida e igualmente descrita pelos recursos e pelas ferramentas a serviço da história.

A necessidade de engajar-se via discurso histórico, fez desta pesquisa uma ferramenta destruidora do tempo, na medida em que dirimiu décadas de espaçamento em nome de um ajuntamento pelo drama reconhecido, quando uma mulher e também historiadora decidiu olhar para traz.

6. FONTES

ORAIS

Entrevista com trabalhadoras e trabalhadores da cultura fumageira, assim como de filha de agricultor e morador do município:

Margarida Marques Seixas, ex-lavradora de fumo, 70 anos, residente em Catu-BA. Entrevistada em 29 de setembro de 2007, duração: 1 h e 20min.

Maria Regina Nunes, ex-trabalhadora de armazém, 76 anos, residente em Catu-BA. Entrevistada em 17 de setembro de 2007, duração: 50 minutos.

Valdenice Nascimento Oliveira, ex-trabalhadora de armazém de fumo, 69 anos, residente em Catu-BA. Entrevistada em 19 de setembro de 2007, duração: 1 hora.

José Carlos Avelino, ex-trabalhador do armazém de fumo de sua família, 74 anos, residente em Catu-BA. Entrevista 14 de setembro de 2007. Duração de 72 min.

Maria Rita Pereira da Silva, 51 anos, filha do agricultor e produtor de fumo, Maurício Ramos, residente em Catu-BA. Entrevistada em 13 de setembro de 2007, duração: 50 minutos.

André Oliveira, marido de dona Valdenice Nascimento Oliveira, 77 anos, residente em Catu-BA. A pedido do mesmo participou da entrevista de sua esposa. Entrevistado em 19 de setembro de 2007, duração: 1 hora (as entrevistas ocorreram no mesmo momento).

IMPRESSAS

Catálogo do Centenário da cidade de Catu-BA – 1868-1968. Acervo do memorial da Câmara de Vereadores do município.

INSTITUIÇÕES:

Biblioteca Municipal de Catu Cônego Diamantino.

Fórum Desembargador Wilton de Oliveira e Sousa.

Câmara Municipal de Vereadores de Catu.

Prefeitura Municipal de Catu-BA.

ICONOGRAFIAS

Acervo particular de Antonio Sérgio Farias de Souza.

Imagens cedidas por entrevistadas, arquivos pessoais. Localização das fontes: Catu-BA.

7. REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003,

– ALMEIDA, Paulo Henrique de. *A manufatura do fumo na Bahia*. Dissertação. Campinas: UNICAMP, 1983.

BARICKMAN, B. J. *Um Contraponto Baiano: açúcar. Fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo: 1780-1860*- Tradução (Maria Luiza Borges) Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. Apud. BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BITTENCOURT, Anna Ribeiro de Góes. *Longos serões do campo*. 2º vol. Maria Clara Mariani Bittencourt (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MANUAD Ana Maria. *História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Salvador dos Operários: Uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia*. Dissertação de Mestrado. Salvador-Ba, UFBA. 2001. Apud. CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Salvador dos Operários: Uma história da Greve Geral de 1919 na Bahia*. Dissertação de Mestrado. Salvador-Ba, UFBA. 2001.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996. Apud. GOMES, Margarete Nunes Santos. *Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010.

_____ *A invenção do Cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

DEL PRIORE, Mary. *História do Cotidiano e da Vida Privada*. In: FLAMARION, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua*

Portuguesa. 3ª Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FONSECA, Cláudia. *Ser mulher, mãe e pobre*. In: DEL PRIORI, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Apud. GOMES, Margarete Nunes Santos. *Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010. p. 70.

FRANÇOIS, Etienne. *A fecundidade da História Oral*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. (Org.) *Usos e abusos da História Oral*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GOMES, Margarete Nunes Santos. *Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010.

KARTCHEVSKY, André. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia: A cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

_____. *Bahia século XIX: Uma Província no império*. 2ª Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2005. Apud OLIVEIRA, Marcelo Souza. *Uma senhora de engenho no mundo das letras: O declínio senhorial em Anna Ribeiro*. Salvador – BA: EDUNEB, 2008.

OLIVEIRA, Ana M^a Carvalho dos Santos. *Recôncavo Sul, Terra homens economia e poder no século XIX*. Salvador – BA: UNEB, 2002.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. *A mulher, a sexualidade e o trabalho*. São Paulo: HUCITEC – CUT, 1999.

OLIVEIRA, Marcelo Souza. *Uma senhora de engenho no mundo das letras: O declínio senhorial em Anna Ribeiro*. Salvador – BA: EDUNEB, 2008.

ROCA, Fernando Floriano. *Geografia da Bahia*. Salvador – BA, EBSA – Editora do Brasil S.A. 1968.

RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, Milton. *A Rede Urbana do Recôncavo*. IN: Brandão, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia. Sociedade e Economia em Transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, A.L.B. / UFBA. 1998.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer charutos: uma atividade feminina*. Dissertação. Salvador – BA: UFBA, 2001,

_____ *As mulheres no trabalho e o trabalho das mulheres: um estudo sobre as mulheres fumageiras do Recôncavo baiano*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2011,

SHARPE, Jim. *A História vista de baixo*. In: BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. *Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. (Org.) *Usos e abusos da História Oral*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: F.G.V., 2006.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 272. Apud. GOMES, Margarete Nunes Santos. *Caprichos e Trapiches: Memórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da atividade fumageira em Conceição do Almeida-BA (1960-1980)*. (Dissertação de Mestrado), Santo Antonio de Jesus – BA: UNEB – Campus V, 2010.

_____ *A formação da classe operária II: A maldição de Adão*. 4ª Ed. Tradução: Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 28.

8. ANEXOS

IMAGEM 5: Mapa do Recôncavo Baiano. Fonte: ROCA, Fernando Floriano. Geografia da Bahia. Salvador – BA, EBSA – Editora do Brasil S.A. 1968. p. 129. Em destaque o município de Catu, localizado ao norte do Recôncavo. Esse material foi encontrado na Biblioteca Municipal de Catu Cônego Diamantino.

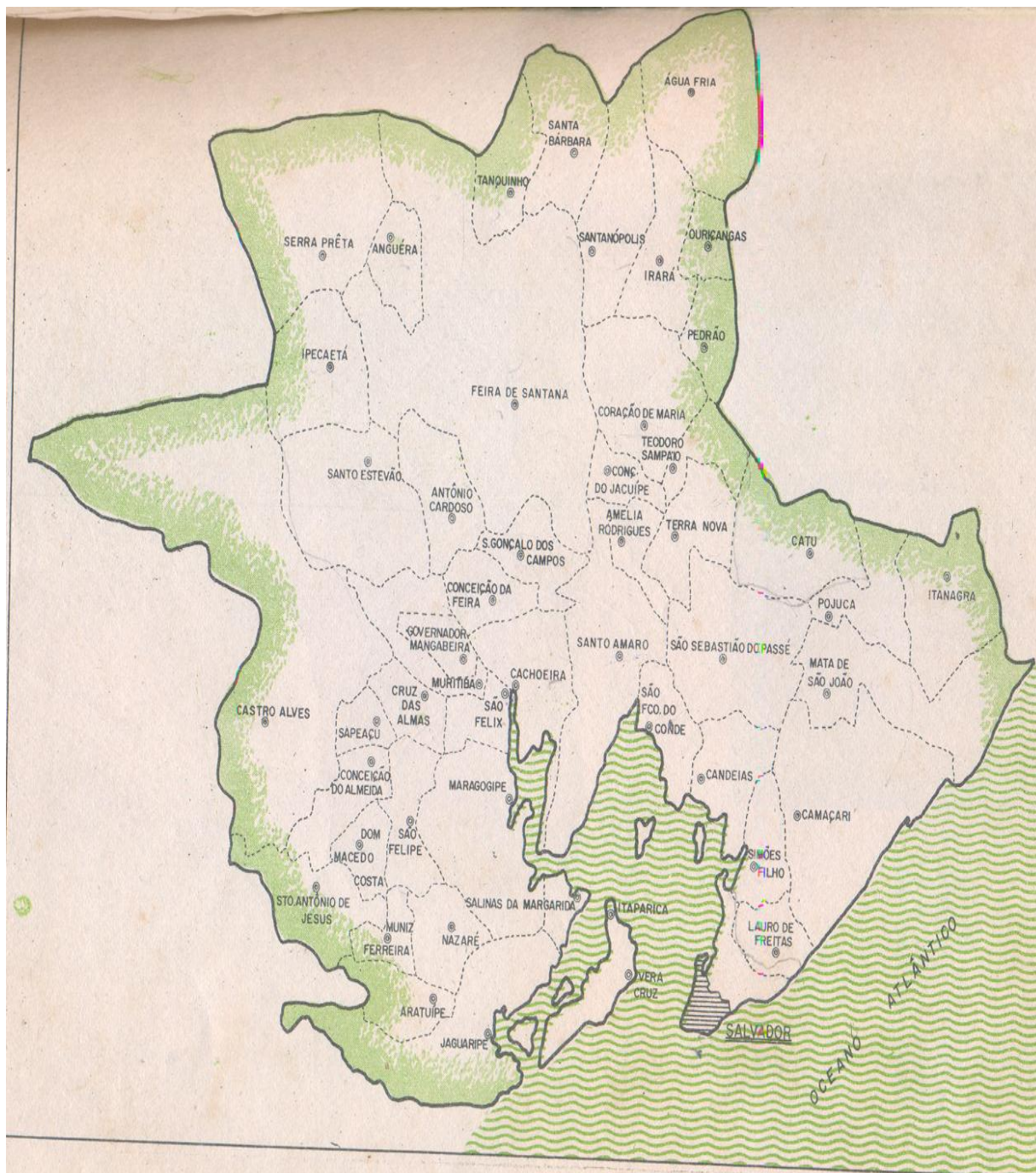


IMAGEM 6: Esta imagem mostra a Praça do Comércio de Catu em 1958, cujo espaço físico ainda estava em desenvolvimento, local onde ficava o armazém de fumo gerenciado pelo senhor Antonio de Deus Seixas e Oscar Pereira de Souza, época em que o comércio e exportação do fumo estava em desenvolvimento.



IMAGEM 7: Carteira de Trabalho de Maria Regina Nunes, 76 anos, é ex-trabalhadora do armazém Kueng & Co. Agência de Catu, assinado pelo gerente de armazém o senhor Antonio de Deus Seixas (1910 – 1995) de 1955 a 1959, 1961 a 1962. No armazém Exportadora Eichenberger, LTDA. Sucess. De, assinada pelo mesmo gerente de 1963 a 1964.

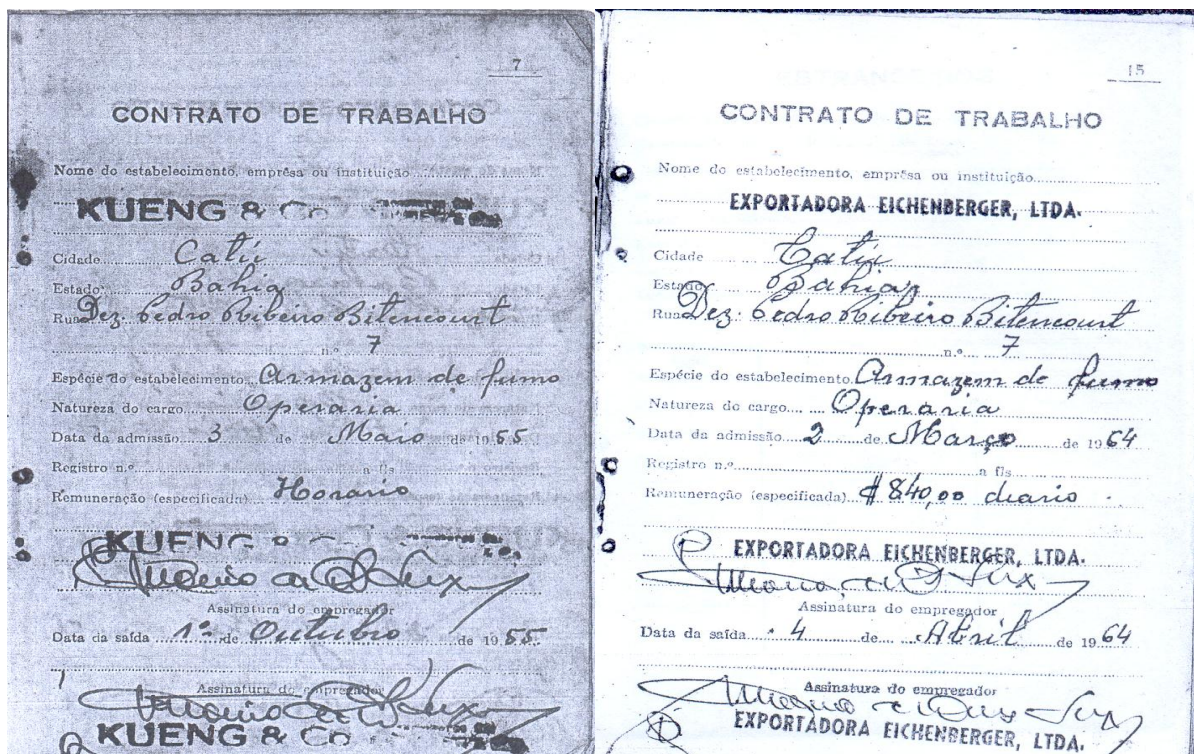


IMAGEM 9: Antonieta Maria de Jesus, 60 anos, residente no Bairro Fleming no município de Catu, trabalhou no armazém de fumo COPATA em 1966, vindo a receber Cr\$ 2.200,00 (dois mil e duzentos cruzeiros), a diária. Era esposa do senhor Antonio Borges dos Santos. Faleceu em 2008.

4

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL
DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO FIC PROFISSIONAL

ARTEIRA PROFISSIONAL

Nome do portador: Antonieta Maria de Jesus
 Altura: 1,50 m. Cór.: Preta Olhos: Pretos
 Cabelo: Preto Barba: Nenhum Bigodes: Nenhum
 Sinais particulares: Nenhum

Filho de: Alexandre de Jesus e Rosalina de Jesus
 nascido em: Catu, Bahia, em 17 de Agosto de 1906
 Estado civil: Casada Instrução: Média
 Profissão: Costureira
 Serviço Militar: Nenhum
 Residência: Catu

Matrícula n.º do Sindicato

Documentos apresentados: Cartão de identidade nº 19.137 expedido em Catu, Bahia, em 17 de Agosto de 1966

Observações: Nenhum

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1966
 Assinatura do funcionário: Rosalina da Silva Almeida

Século: 20
 Número: 191018

Fotografia: Antonieta Maria de Jesus, 17-8-66
 Assinatura do empregador: Rosalina da Silva Almeida

Folgar direito

Impressão digital

8

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição: COPATA

Cidade: Catu
 Estado: Bahia
 Rua: Des. Pedro Ribeiro nº 238
 Espécie do estabelecimento: Armazém de Fumo
 Natureza do cargo: Operária
 Data da admissão: 17 de Agosto de 1966
 Registro n.º: 57
 Remuneração (especificada): Cr\$ 2.200 diárias

Assinatura do empregador: Rosalina da Silva Almeida
 Data da saída: 17 de Agosto de 1966
 Assinatura do empregador: Rosalina da Silva Almeida

9

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição: COPATA

Cidade: Catu
 Estado: Bahia
 Rua: Des. Pedro Ribeiro nº 238
 Espécie do estabelecimento: Armazém de Fumo
 Natureza do cargo: Operária
 Data da admissão: 17 de Agosto de 1966
 Registro n.º: 57
 Remuneração (especificada): Cr\$ 2.200 Diárias

Assinatura do empregador: Rosalina da Silva Almeida
 Data da saída: 17 de Agosto de 1966
 Assinatura do empregador: Rosalina da Silva Almeida